

DA CONVENIÊNCIA  
DE FAZER-SE UM  
DEPUTADO  
CONVENIENTE



---

BANDEIRA  
TRIBUZI

---

Do  
Tribunali  
representado  
na folha de  
Maria, exemplo de  
mulher e mãe, com  
o beijo de amor  
1985

DA CONVENIÊNCIA DE  
FAZER-SE UM  
DEPUTADO CONVENIENTE

**GOVERNADOR DO ESTADO**

**Luiz Alves Coelho Rocha**

**SECRETÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO**

**Eliézer Moreira Filho**

**PRESIDENTE DO SIOGE**

**Francisco Alves Camêlo**

**BANDEIRA TRIBUZI.** *Da Conveniência de Fazer-se um Deputado Conve-*  
*niente.* V. 2 das Obras Completas de Bandeira Tribuzi. São Luís, SIOGE,  
1985, 64 p.

**CORRÊA, Rossini** – Coordenação Geral

Conteúdo: novela

CDU – 82 – 32

BANDEIRA TRIBUZI

**DA CONVENIÊNCIA DE  
FAZER-SE UM  
DEPUTADO CONVENIENTE**  
Prefácio de Luiz Rocha

Edição Sioge  
São Luís  
– 1985 –

**COPYRIGHT © BY MARIA DOS SANTOS PINHEIRO GOMES**

**FICHA TÉCNICA**

**Composição: Reinaldo**

**Revisão: Maureli Costa e Rossini Corrêa**

**Diagramação: Dilane Nascimento e Alzegira Pinheiro**

**Fotomecânica: José Ribamar Amorim**

**Impressão: Wilson Martins**

**Encadernação: Francisca Souza**

**Capa: Geisa Arlene**

**Ilustrações: Geisa Arlene e Ribamar Aguiar**

**Fotografia: Reprodução feita por José de Ribamar Moraes**

**Colaboração: Maureli Costa**

**Caricatura – Fidelis**

**IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL**

NA PUBLICAÇÃO DA PRESENTE NOVELA DE BANDEIRA TRIBUZI, ESCRITA EM 1961, OPTOU-SE PELA PRESERVAÇÃO INTEGRAL DA MANEIRA SEGUNDO A QUAL ELE PONTUAVA, POIS A MESMA, SENDO PECULIAR E INTENCIONAL, ERA RESPONSÁVEL PELA DEFINIÇÃO DO RITMO DE SUA PROSA.

## PREFÁCIO

Era uma úmida madrugada de 1959. Entrei na redação do combativo *Jornal do Povo* e parei diante de um homem de fisionomia tranquila, cabelos em desalinho, que me fitou meio sonolento por trás dos óculos de aros grossos. Identifiquei-o imediatamente: Bandeira Tribuzi, cuja inteligência fulgurante o Maranhão, já àquela época, reverenciava.

No diálogo que mantivemos em meio ao ruído cadenciado das linotipos ouvi dele revelações quanto às suas conjecturas políticas: acreditava firmemente numa vitória das oposições coligadas. Jovem ainda, iniciando nas lutas políticas como líder estudantil, absorvi com grande interesse as suas observações sobre o efervescente quadro maranhense. E constatei, mais tarde, que a sua profunda visão dos acontecimentos e acurada análise dos fatos o tornaram quase um profeta: ele anteviu a extraordinária vitória que as oposições coligadas conquistaram, em 1965, com José Sarney.

Dessa conversa, que se alongou até ao amanhecer, quando os jornais já saíam do prelo, nasceu uma forte amizade que se consolidou ao longo do tempo até o desaparecimento do poeta, a 8 de setembro de 1977. Tribuzi – e agora faço uma revelação – praticamente morreu em meus braços. Na véspera, depois de algumas andanças políticas pelo interior, pernoitei em Vitória do Mearim. Pela manhã, revelei à minha mulher: “Sonhei a noite toda com Tribuzi. Não sei, mas acordei com uma estranha angústia, uma incômoda sensação de tristeza...”

Horas mais tarde, alguém me falou:

– Você sabia, o Tribuzi sofreu um ataque cardíaco, ontem, durante o jogo do Moto.

Imediatamente viajei para São Luís, a fim de ver o amigo enfermo, e fui direto para o hospital onde ele estava internado. Só deu tempo de apertar-lhe a mão. Ele morreu em seguida, ainda segurando firme a minha mão. Perdia eu um amigo leal, o Maranhão um dos seus poetas maiores e a cidade o seu amante, que a emocionara quando, no Festival de Música Popular Maranhense, cantou o Hino de São Luís.

Ao desaparecer fisicamente, porém, Bandeira Tribuzi não morria para a cidade que tanto amou. Ao contrário, imortalizava-se no coração de todos os maranhenses e, também, na cultura nacional, onde foi reconhecido como o introdutor de Fernando Pessoa no país. Embora jornalista, economista, educador e humanista foi como poeta que José Tribuzi Pinheiro Gomes conquistou espaço na cultura brasileira e, sobretudo, na cultura do Maranhão, para onde trouxe, de Coimbra, um sopro renovador.

O autor de “Alguma Existência”, “Rosa da Esperança” e “Pele e Osso” entretanto, não limitou sua atividade à poesia. Como economista, desenvolveu planos e projetos que contribuí, decisivamente, para mudar a face do Maranhão. Antevendo o futuro, ele se tornou um grande colaborador – além

de amigo leal – de José Sarney, peça fundamental no seu Governo e do Governo Pedro Neiva de Santana.

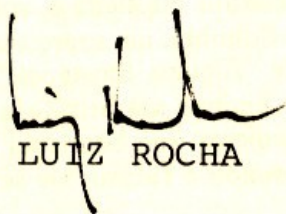
Poucos conhecem, porém, o romancista Bandeira Tribuzi. Neste livro – uma de suas raras incursões pelo romance – o autor de “Viola do Amor” revela, com a força da palavra escrita, todo o seu senso crítico da sociedade do seu tempo. Em “A Conveniência de Fazer-se um Deputado Conveniente” ele retrata, em toda a sua crueza, o poder do coronelismo no interior. No deputado Pereira Rocha, no coronel Dico Ferreira, no sargento Pimenta, no Vicente Garimpeiro e no doutor Costa, personagens centrais do romance, Tribuzi viu espelhado todo o contexto de um tempo que, felizmente, vai desaparecendo.

O poeta tinha uma concepção muito própria sobre o exercício da função pública, para ele relevante e meritória acima de tudo. Por isso, não escondia sua revolta quando ouvia dizer que alguém buscava eleger-se deputado para defender interesses pessoais, de terceiros ou de grupos.

Para Tribuzi, tanto as câmaras municipais e assembleias legislativas, como a Câmara Federal e Senado deveriam ser os legítimos foruns de debates dos grandes temas municipais, estaduais e nacionais de interesse da comunidade, jamais locais de discussões estéreis ou balcões para defesa de interesses pessoais. Ele não concebia que nas casas legislativas se gastasse o tempo e o dinheiro público com questões alheias aos interesses do povo. Provavelmente por isso não conseguiu, uma vez sequer, um mandato parlamentar, porque não queria ser um deputado conveniente, como o personagem do seu romance. Queria, isto sim, ser um efetivo representante do povo, com toda a sua legitimidade.

Certamente ainda existem muitos deputados Pereira Rocha, coronéis Dico Ferreira, sargentos Pimenta, Vicente Garimpeiro e doutores Costa, mas esta obra do poeta da cidade se constituirá, permanentemente, um grito de protesto e de advertência contra eles. A sociedade que ele ajudou a construir, com a força da sua inteligência e da sua pena, há de consolidar-se e apagar a mancha da injustiça e da impunidade que ainda hoje nos envergonha. E, então, repetiremos o que ele disse, na obra “Romanceiro de São Luís”, sobre os nossos heróis, entre os quais incluo:

“Não há tempo que destrua a chama desta lição: morre o herói, fica a pura memória de Bequimão / Se o sonho é de Liberdade / e a selva se faz de sangue, rosa brotará do chão: / um dia será verdade o sonho de Bequimão / Não haverá Companhia / Da Grão Pará & Maranhão / devorando sangue e vida, / Vontade, sonho e ação, / direitos, lucros, franquias...”



LUIZ ROCHA

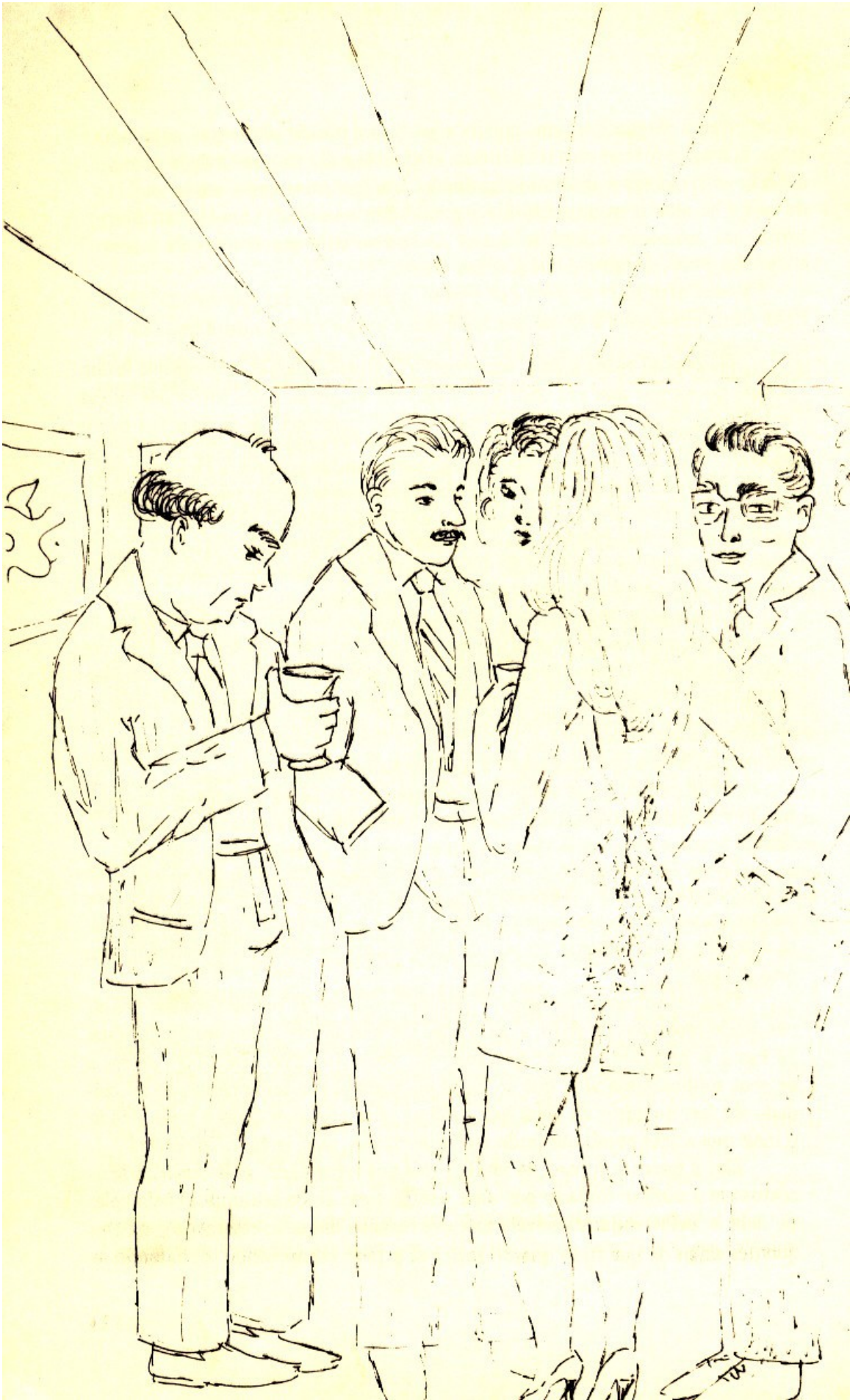
Na capital provinciana, suavemente espreguiçada nas ladeiras que levam à baía do eterno mar em contínua e nervosa angústia, pelas torres das igrejas e telhados, onde o tempo deixa suas escuras manchas, pelos estreitos becos estrangulados de sobradões imensos, os séculos dormem em sono cansado. Só ali, naquele palacete da Avenida do Barão, brilham ainda vivas as luzes: o deputado, festeja, ruidosamente, sua reeleição e, assim, é justo que os próceres e correligionários, os amigos, os favorecidos, os esperançosos, os colegas se reunam para comer com apetite os numerosos pratos de frios e beber com abundância o bom uisque escocês legítimo.

Com a noite avançando o álcool excede os sólidos — o que é visível: os discursos se sucedem em laudatórios parlapapeios ao “íclito, preclaro, insigne e eminente representante autêntico de nosso povo e destacado paradigma de nossa inteligência” — o deputado que generosa e fartamente aduba e rega os corpos e espíritos. O homenageado que já também atingiu sua dose traduz em exageros verbais pela undécima vez, seus agradecimentos para o grupo, já agora reduzido, de íntimos, cuja euforia se amadorra e assim vão se espalhando pelo divã, pelos sofás, pelas cadeiras, alguns em atitudes pouco civilizadas.

Em desacordo com o ambiente da alegria desbordante Marília, a esposa do deputado franze discretamente a testa em sinal de enfado quando este meio cambaleante tenta beijá-la desajeitado. Ela aproveita a oportunidade para dizer-lhe discretamente ao ouvido que “é hora de conseguires carregar com teus amigos”.

Está visivelmente fatigada e por mais que se esforçasse em ser gentil, não pode esconder, de todo, a contrariedade que aquele ambiente lhe produz. Já basta o desprazer de ter que suportar uma vida que está longe de ser a de seus sonhos, uma vida que só ainda enfrenta por se ter encabulado no cuidado do lar, no amor da filha que sublima para esquecer tudo o mais... tudo o mais que aceita como um fardo indesejável, sim, mas, já agora inevitável.

Ele, a quem o reparo da mulher mal consegue ferir, pois também se acostumou a aceitar forçado por uma paixão (que ainda o humilha) pela beleza dela e pelas inquestionáveis inconveniências daquele casamento, os frequentes sinais de que tudo quanto faça a aborrece, compreende. E, batendo as



palmas numa alegria forçada, convoca os retardatários renitentes para uma saída. Irá deixá-los em suas residências: afirma. Marília respira aliviada quando a porta se fecha sobre o último convidado. Vai instintivamente até ao espelho da sala e se olha com uma infinita piedade. Em seus olhos uma lágrima breve brilha um momento e logo se desfaz no sorriso com que contempla o sono tranquilo, puro, distante da pequenina Marly.

Menos tranquilo e puro era porém o ambiente, no requintado Clube Beira Mar, em torno à mesa que acolhera o grupo ruidoso do deputado Pereira Rocha. Ali estavam, rodeando o festejado, a bela Helena, funcionária da Secretaria de Serviço Social (graças ao prestígio dele) onde comparecia apenas na folha de pagamento.

(O deputado costumava dizer que aquilo, sim, era saber unir o útil ao agradável: salvo pequenos presentinhos “para manter o amor”, Helena, com seus 60 quilos de carne apetitosa não lhe custava nada: quem pagava suas noites de delícia era o Tesouro do Estado. “E o Estado é rico”...) Depois vinha o doutor Mendes, “Maninho”, como era mais conhecido, muito jovem e vivo, simpático e jovial, já dono de um belo palacete na requintada Avenida da República, de um carro americano último modelo (sua comissão do bem sucedido metier de liberar uma partida de automóveis contrabandeados apreendidos pela alfândega; e dono também da Celeste (que ali sorria a seu lado) de que se apossara não tanto por ser ela uma quarentona bem agradável ainda como, sobretudo, por funcionar na Secretaria do emérito Tribunal de Justiça onde discretamente manuseava a distribuição dos processos em que Maninho era interessado para que chegassem à mão de Juízes adequados...

Fazia também parte do grupo o Raposo. De belos cabelos grisalhos, com um tipo puxando a artista mexicano, galã irresistível para certo tipo de modistas leitoras de revistas de sedução e capricho, sempre muito elegante e que, apesar de não ter emprego, nem firma comercial, nem profissão liberal vivia sempre nadando em dinheiro ao ponto até de ajudar as campanhas políticas do deputado Pereira Rocha. Sabia-se que o Raposo era, apenas, contrabandista. A seu lado divertia-se uma garota que podia ter no máximo dezoito anos. Ninguém sabia na roda quem ela era, mas todos a admiravam pela beleza tímida e apaixonada com que fitava, enlevada, o seu amigo.

O sargento Pimenta era o sétimo do grupo. Forte, moreno, muito queimado de sol, estava um pouco acanhado naquele grupo e naquele ambiente. Bebera demais e seus olhos se entrefechavam pesados. Não tinha a seu lado mulher, como os outros, e por isso mal conseguia esconder o desejo sombrio com que disfarçadamente olhava as pernas de Celeste que sentada defronte as cruzara, livremente, deixando ver as grossas coxas quarentãs.

— A Companheira do Pimenta vai ser o Souza... — disse o deputado. E todos explodiram numa gargalhada. Menos o sargento que sorriu sem gosto,

por não entender, e o Souzinha que sorriu também fingindo que entendera outra coisa. Mas o Souzinha entendera muito bem a brincadeira pesada do deputado. Intimamente, embora um pouco sentido daquela referência pública, Souzinha (na realidade o Dr. Lopes Souza, alto funcionário do Estado) não chegava mesmo sequer a se zangar...

Naquela altura do uisque tudo era já aceitável e tudo se iria tornando cada vez mais natural nos passos da noite, a cada nova dose: as pornografias anedóticas do Raposo, os comentários picantes do doutor Marinho sobre os últimos escândalos do café-society e até a mórbida estória do porco velho, da porca e dos dois leitões do Pereira Rocha, que não querendo ficar atrás dos companheiros, resolvera contá-la “para apavorar a turma”.

– Credo, que humor trágico! – foi a única reclamação de Helena, enquanto Souzinha, excitado com a matança cravava olhos de incontida admiração sobre o sargento Pimenta e insistia:

– Foi verdade? Foi verdade?

Pimenta, refocilando de bêbado, desesperado de desejo ante as coxas maduras de Celeste, urrava:

– “Estrompei” os pestes!

Mas fez-se tarde. Queriam fechar o clube e quando todos protestaram que uma festa rara daquelas não podia acabar assim e ameaçaram degenerar o protesto, Raposo teve uma idéia luminosa e falou:

– Vamos para o Sayonara!

Sayonara era o sítio do contrabandista, onde, além de um ancoradouro para os barcos que apanhavam e descarregavam a muamba, ele fizera construir uma agradável casa de campo (vila). Com piscina, eletrola de luxo e bar sempre nutrido do bom uisque que lhe chegava das pródigas Guianas. Foram pois até o sítio do Raposo e ali a uma luz de boate, continuaram a beber e dançar num aconchego doce e morno até que o deputado que sem dúvida, exorbitara na bebedeira, deu a ordem inflexível:

– Todo mundo nu!

Apenas a jovem sem nome que acompanhava Raposo quis resistir. Lágrimas de pudor lhe rolavam na face. Mas Raposo, muito delicado, a cobriu de carinhos e lhe foi retirando, suavemente, a roupa, peça por peça, ficando-se a cobri-la com o próprio corpo.

Felizmente para todos, o sargento Pimenta já estava demanadamente bêbado para saber, a luz vaga do ambiente, o que estava acontecendo. Então o deputado, mandou que Helena se postasse em cima da mesa e subiu também com uma garrafa na mão. Como se falasse de uma tribuna, vociferou:

– Ainda seiei Governador desta merda e tu vais ser estátua em praça pública! E depois, deslumbrado, derramando-lhe pela cabeça a garrafa de uisque, berrou!

– Viva a democracia!

Só então o sargento, que a bebida há muito descangotara, acordou por um instante, entreabriu os olhos raiados de sangue, respondeu: – Viva a democracia! e desabou vomitando sobre o divã.



Dois dias depois, banhado de suor e poeira vermelha que o deixam quase irreconhecível, com a boca seca e a garganta áspera, o sargento Pimenta sente-se asfixiar na boleia do Expresso Misto que, através algumas centenas de quilômetros, com paradas para abastecer o ônibus, almoços e jantares em casas de posto imundas e dormidas num amontoado com dois ou três companheiros de quarto, o leva de regresso ao município onde acumula, para proveito do “coronel” Dico Ferreira, as funções de comandante do destacamento com as de Delegado de Polícia.

Seus olhos raiados de sangue procuram distrair-se na paisagem mas, à medida que se aproximam do ponto de destino, mais insistente lhe volta a memória dos dias passados na Capital a generoso convite do deputado Pereira Rocha que queria resolver definitivamente aquele caso antes que a exploração dos inimigos envenenasse o assunto e também pleitear uma promoção para o militar.

(O deputado queria ainda dar uma demonstração ao sargento do seu prestígio junto ao Governo. Sabia que Pimenta, bronco e falador, iria ficar deslumbrado com sua intimidade nas Secretarias, o aplauso da bancada na Assembléia provincial — o deputado estava seriamente inclinado a pleitear a liderança do Partido —, e a doce vida no seu círculo de amizades. Rocha sabia que o sargento, deslumbrado com o prestígio do seu Chefe iria dar com a língua quando voltasse a Pouso Alegre, nas rodas dos botequins, na farmácia, no barbeiro e isso aumentaria seu prestígio.

Na realidade, parecia que seus receios não tinham fundamento. O doutor Costa poderia murmurar e rosnar mas aquela idéia de levar a Pouso Alegre o capitão Sereno para instalar inquérito era uma pá de cal no assunto. Pimenta, ingênuo, ainda tivera uma sombra de receio com esse negócio de inquérito policial-militar. Não seria melhor — chegou a ponderar ao deputado, ir deixando as coisas como estavam? Mas Pereira Rocha rira de sua inocência:

— Nada. Nós mesmos pedimos o Inquérito. Isso impressiona a opinião pública. E eu sei como escolher o encarregado e conduzir as coisas. O inquérito é o enterro da questão. Deixa comigo...

Devia ser o calor maldito, a poeira, o cansaço, agora, por mais que procurasse afastar aquilo da cabeça, não podia esquecer a farra de ante-véspera. Parece-lhe, por vezes, que estava sonhando, que a visão do Raposo, do doutor Maninho, do Souzinha, das fêmeas tudo não passava de um pesadelo de bêbado. Mas as coxas muito brancas e redondas com pequeninas veias azuis daquela mulher se tinham fixado fundo no seu desejo. Não, tudo fora verdade. Uma pena que ele tivesse bebido demais senão teria disputado uma delas. Riu um pouco quando se lembrou dos berros do deputado: “todo mundo nu! viva a democracia!” Depois carregou o cenho ao pensar que o chefe não deveria ter contado aquela estória do porco velho... Para que lembrar numa hora daquelas? Viu a cara de repugnância de Helena — que significariam as palavras que ela tinha dito? Um sabidão, o deputado: dormia com a mulher e o Governo pagava...

Teve um momento de raiva: tudo dava certo para aqueles e ele, o burro de carga, o que fazia a escada para o deputado subir, o que arriscava a vida, o que trocava as urnas para que ele vencesse ali naquele fim de mundo, a mendigar o amor das prostitutas de Imperatriz quando lá ia uma vez por mês. Nem conseguiria ficar com a Luzia, uma cearense de olhos verdes, menina ainda, que era a rainha da zona e ele tentara arrebatar do engenheiro Mendes, da Rodobrás, mas não conseguiu.

E ainda haveria de acontecer aquela porcaria: o Vicente Garimpeiro morto e levando para a terra o segredo do maldito revólver de prata com cabo de madrepérola cravejado de diamantes, que valia uma fortuna. A fortuna com que ele iria comprar a Luzia e tê-la só para si.

Os olhos se lhe raiam de sangue e morte, num desespero pela lembrança daquilo, desespero que a sede e o calor tornam insuportável rosna:

— Filho da p...!

O chofer, afogueado vira-se e pergunta?

— Han?

— Este calor... responde oprimido o sargento que não se pode conformar com lhe ter escapado o segredo do revólver de prata. E com ele todos os seus desejos... A medida que o ônibus rompe a poeira e o sol impiedoso e se vai aproximando de Pouso Alegre mais uma pesada angústia, de frustração, nojo, desespero se apodera de Pimenta e o faz desejar que o carro rode, rode, rode e não chegue nunca.

Ora essa, então um revólver de prata?

Vicente Garimpeiro pensava: que doidera daquela gente inventar a história do revólver. Então ele tinha um revólver de prata com cabo de madrepe-rola cravado de diamantes? Coisa de valer um mundão de dinheiro. Vicente olha o chão em volta, corre a vista pela pequena roça quase no ponto de colher, pela cacimba que lhe custou tanto suor, pelo casebre de palha (pensou que, se as coisas corresse bem, se o feijão e o milho desse para vender ao menos uns paneiros, iria levantar uma paredes de barro; cobertas de palha, as paredes não protegiam nada das noites frias e úmidas, ainda mais agora que já vinha aí menino novo...), levanta depois os olhos para o horizonte e dá um riso leve: “ele, Vicente Garimpeiro, escondendo um revólver de prata...”. Doideira da gente.

A riqueza dele era Joana e o Chico. Nem aquele pedacinho de chão, no cabo da terra, era bem seu. Estava ali porque dava a vizinhança da reserva dos índios, ninguém ainda se lembrara de lhe tomar a roça como acontecera antes com ele mesmo. Como acontecia sempre com os lavradores, sempre tangidos para a mata, fugindo às perseguições dos grileiros e “coronéis”. Vicente recorda o passado. O menino entanguido que se criara no tempo e na dura sorte, que não tivera vez para escola porque quando conseguiu vencer a fragilidade da saúde teve que entrar imediatamente num trabalho diário e fatigante que pelos anos lhe enrijou os músculos e o fez mais velho do que sua idade. Lembra-se de como o revoltara toda a série de perseguições, a constante exploração, a situação humilhante de que o pai era vítima constante por parte do coronel Dico Ferreira que se dizia dono das terras onde o velho se instalara há mais de trinta anos. O coronel Dico cobrava foro que valia a metade de uma boa colheita: nos anos em que a safra era má todos passavam da fome à miséria pois o “coronel” arrebanhava o foro fixado, sem contemplação.

Mas — continuava pensando o Garimpeiro — isso não era tudo: havia ainda a proibição de construir casa de alvenaria (a proibição era para facilitar a queima de casas e expulsão do lavrador que se recusasse a pagar o foro absurdo), a proibição de vender babaçu ou qualquer produto a terceiros que pagavam melhor: tudo deveria ser vendido ao “coronel” Dico Ferreira pelo



preço que este resolvesse pagar e ele era também o único vendedor de gêneros para os seus foreiros. Os preços no seu armazém eram sempre muito mais caros. E havia ainda a pagar a "sombra da casa": um outro foro que recaía sobre os casebres levantados pelo lavrador.

Recordando essas coisas tristes, Vicente, pensa no velho pai com sua longa vida perdida no trabalho rude e sem esperança. Sua vida também tinha sido uma cruz até então: aos vinte anos, com o coração pesado por aquela existência sem futuro decidira ir arriscar a sorte no garimpo de Goiás. Lá ao contacto da realidade viu que seu sonho de uma vida melhor não seria fácil de cumprir-se mas sempre era menos oprimido, ganhava ao menos o pão de cada dia e encontrou a Joana, que era então uma menina mas lhe encheu os olhos e o coração. Conhecera então uma pequena amostra de vida: com ternura viera o Chico, crescera, se fizera um curumim endiabrado, vivo, homezinho já. Mas para o pobre o que é bom mesmo a felicidade feita de pequenas coisas dura pouco: o garimpo ganhou forma de riqueza fácil, se encheu de gente ainda de todos os cantos do mundo, gente de toda a qualidade, desde simples e honrados lavradores fugindo à tirania da terra até aventureiros sem escrúpulos, criminosos fugindo à justiça. O ambiente tornou-se perigoso e pesado: as brigas, os roubos, os crimes se sucediam. Vicente começou a sentir que Joana e Chico não podiam continuar ali: a mulher era jovem e bonita, o menino não o queria na companhia de outros filhos de desordeiros. O chamado da terra natal, húmus fora do qual o lavrador é sempre uma raiz arrancada, fez-se forte: Vicente regressou. De volta trazia apenas a saudade de um tempo bom, aquela riqueza: a mulher e o filho, e um apelido — Garimpeiro.

Vicente hesitara pela lembrança da sorte do pai, mas o temor daquele ambiente de ambição, invejas, ódio e morte foi mais forte. Afinal o amor dos seus dava-lhe um alento novo. Haveria de lutar. Pela mulher, pelo menino que queria mandar à escola, fazer aprender, libertar daquela sina de lavrador sem terra que era como uma maldição.

E regressara. Ali estava. Era um fim de mundo mas o medo à proximidade dos índios, o desconforto do local, a pobreza da terra ainda não tinham permitido que a ambição de alguém o viesse perseguir. A casa era de palha, sem apetrechos, além do trem de cozinha, as redes e um baú de pano mas Chico vivia feliz, tinha sua roça, e também a Joana, como a terra, se fizera de novo fértil.

Quando o lavrador cessou de imaginar a noite vinha caindo. E o homem simples e bom, sofrido e bravo, olhando o horizonte onde o sol era um fogo manso que o manto da noite abafava, respirando o ar fino do crepúsculo, chegou a concordar, por um momento, que talvez fosse feliz.

Mas felicidade de pobre é mesmo como vento: chega e vai. Dias depois Vicente Garimpeiro ao regressar meio-dia de uma volta pelo roçado queixou-se para Joana que tinha sentido uns calafrios, o estômago embrulhado, a vista turva. A mulher atribuiu o mal-estar ao ter ele saído pela madrugada sem sequer uma xícara de café: aquilo era fraqueza. Reprovou-o por não ter despertado: custava nada aquecer uma água.

Vicente dera agora para se encher de cuidados com a companheira à medida que se ia aproximando o tempo dela botar no mundo o novo menino. Fazia-lhe embaraço ver a mulher, com a barriga no pé da boca, a lidar, a carregar pesos, azafamada junto ao bafo do fogo, com as pernas muito grossas, as olheiras fundas, um ar sempre cansado. Por isso resolvera não acordá-la assim cedo. Bebera uma caneca de água e acendera o bom cigarro de palha que também alimentava o vazio do estômago. Mas ele bem sabia que a mulher estava julgando errado — aquilo não era só fraqueza. Não quis porém alarmar a mulher. Forçou engolir a comida, mas pela tarde a coisa piorou. Vicente amanheceu tiriricando de febre e frio, o estômago não suportava nada, jeito que teve foi mandar o menino a Pouso Alegre pelo doutor Costa. Chico souou, ligeiro nas duas léguas de viagem. Chegou estrupiado e vermelho de sol eram quase duas horas da tarde e o Dr. Costa estava naquele dia cheio de doentes para atender mas prometeu ao menino que sempre iria lá pela boca da noite. Mas preocupou-se e quando o garoto explicou que o pai “tava com as febres de frio e o estômago fraco” pensou que deveria ser impaludismo e mandou logo umas pílulas.

Chico remechou os bolsos à procura de um dinheiro para comprar um pão. Não dava. Entrou na loja e pediu uma bala. A bala iria enganar a fome. E já saía quando o dono do boteco voltando-se para um freguês, apontou:

— Esse é o filho do Garimpeiro...

Chico olhou o outro — era o sargento Pimenta. Sempre escutara o pai falando dele como de um homem perverso, perseguidor. Por isso tentou logo escafeder-se. Mas o sargento gritou para ele.

— Ei! Cadê o revólver de prata do teu pai?

Não respondeu e saiu na carreira desabalada, com o coração aos saltos.

Revólver de prata — que doideira. Então seu pai lá tinha nenhum revólver de prata, coitado? Tinha era uma bruta febre de frio que estava derrubando o pobre num tremor que até abalava a rede e trazia atormentada sua mãe.

Só parou de correr quando, já depois de ter saído a vila olhou mais uma vez para trás e se assegurou que aquele demônio não o estava perseguindo.

— Diabo de curumim ligeiro como uma lebre! exclamou o vendeiro cujo maior empenho era agradar o sargento-delegado, sempre temeroso de que não viesse ele a descontentar-se e carregá-lo de multas e abusos.

— Seu Rosendo e como é esse tal de revólver do Vicente Garimpeiro? — inquiriu Pimenta.

— Todo de prata, cabo de madrepérola, cravado de diamantes — voltou o vendeiro, aproximando-se do sargento e murmurando como quem revela um segredo.

— Prata... diamantes... — repetiu o delegado, pesando as palavras. — Um mundão de dinheiro!

— Muitas dezenas de contos de réis!

Pimenta se fecha no silêncio. Rumina pensamentos: “muitas dezenas de contos de réis”. O necessário para comprar o amor da Luzia, passar para trás aquele engenheirinho besta da RODOBRÁS, e ter aqueles olhos verdes, aqueles seios a apontar em desafio, aquelas pernas roliças e morenas que o perseguem como uma desejada fatalidade.

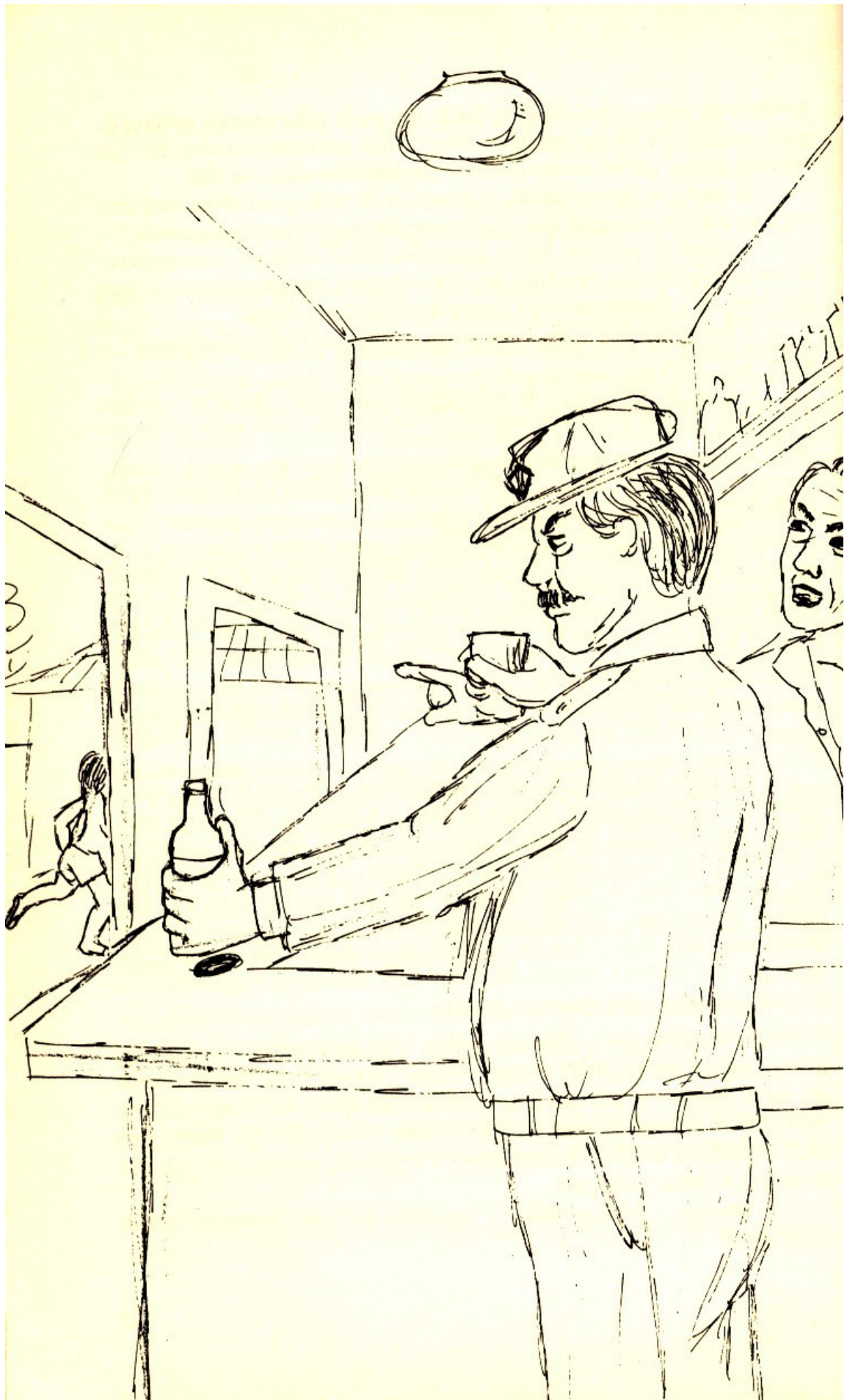
— ... dezenas de contos de réis! — deixa escapar quase a boca fechada.

— Pode até que seja mais, muito mais — ajunta o vendeiro —. Ninguém sabe...

Compraria uns cortes de luxo, sapatos finos, jóias, um colar de pérolas verdadeiras. Cobriria aquela mulher de luxo e o resto ele sabia como fazer: afinal era muito macho. Tão macho como um qualquer. Mais até. E tomando-a do engenheiro ficaria famoso naquelas bandas. “Mas era uma meretriz!” Que dissessem. Para ele maior vantagem ainda que apanhar qualquer dessas meninas desenxabidas, que nunca tinham sentido o peso de um homem, não sabiam amar nem nada. Luzia ele ia ganhar numa disputa, iria com ele depois de ter provado muitos e desejada por todos. Se o dinheiro do engenheiro era o atrapalho ele sabia como resolver a parada...

Não — continuava a conversar consigo, enquanto esvaziava mais um trago — aquela vez era sua, não a deixaria escapar, custasse o que custasse, doesse em quem doesse... E o revólver de prata do Garimpeiro era o arranjo certo. Teve mesmo um esgar de sorriso a apontar sobre o canto da boca. Pediu outra dose. O vendeiro atendeu. Acompanhava a sonsice do sargento com um jeito de malícia no olhar disfarçado.

— Homem — falou o militar — que diabo daria no Garimpeiro pra ele voltar assim?



– Sabe-se nunca. O bicho é arisco. Você tá vendo onde ele se foi plantar – lá naquela boca de inferno...

– Mesmo.

– Alguma coisa ele esconde...

– Talvez que o cabra só não quer pagar foro ao coronel Dico.

– Qual, seu Delegado. Esconderijos...

Pimenta já ouvira realmente falar muito naquele revólver de prata com cabo de madrepérola e diamantes. No começo não quis acreditar: “Qual nada, o Vicente era um pobre diabo, tinha lá coisa nenhuma!” Mas bem que podia ser: o homem viera do garimpo. Gente sai de lá rica. Alguns. Bem podia... E se fosse? Não estava ele bancando o besta com a chave de seus desejos bem ao alcance da mão?

Afinal um sargento também tem direito a gozar seu bocado na vida. Não era só o filho do coronel Dico Ferreira que merecia por-se nas melhores mulheres lá pelo Rio onde esbanjava o dinheiro do pai com as grandes fêmeas enquanto ele, ali, naquela porcária do Pouso Alegre curtia os cuidados de defender, no peito, no risco a abundância do coronel. Sem ele seu Dico não teria aquela servidão de boi manso dos meeiros. Quem mantinha o pessoal no julgo? Quem o trazia para o cabestro curto quando virava rês escabriada? Quem cobrava o foro na ponta do sabre? Quem impedia os eleitores perigosos na eleição? Quem trocava as urnas? E qual era o pago? Um soldo de merda que se não fosse as apreensões as carceragens não lhe daria nem para o pior passadio.

Enquanto isso o coronel mantinha na tripa forra duas famílias, mandava a filha em passeios ricos, sustentava o Neco, o Manuel, o filho, no Rio a “estudar” as coxas das artistas do teatro. Pimenta lembrou as fotografias que o Né lhe mostrara quando da última visita: que mulheres! Mas tinha certeza que a Luzia não ficaria atrás daquelas descaradas que davam retratos em pêlo pros amantes. A Luzia era tudo aquilo e mais... Só de pensar nela sentia uma sede maior a atafegar-lhe a garganta. Sim, haveria de roubá-la daquele maricas da RODOBRÁS. Haveria de tê-la só para si, quando quisesse, até se fartar como um bode.

Aquela hora, ele o sabia, devia estar dando expediente na Delegacia. Hoje porém não. Pro inferno Delegacia, partes, tudo. Encheu mais um copo. Engoliu o trago e saiu no rumo de casa. Os olhos raiavam-se mais nos seus naturais laivos de sangue, a bebida lhes dera um brilho baço. Ia obcecado. Arriou-se na rede. E daí a pouco possuía desesperadamente a Luzia, esmagando-a até ela se desfazer em gemidos de dor e de prazer.

Pobre gente — pensa o Dr. Costa regressando ao passo lerdo do cavalo na primeira paz da noite da casa do Vicente Garimpeiro onde foi ao cair do dia, cumprindo o prometido apesar de estar moído de estafa de atender uma tarde inteira as mazelas do município. Doía-lhe aquele espetáculo repetido da doença a sopesar a miséria, aquele rol de mortes infantis sem moléstia a não ser o simples resfriado ou diarréia que colhiam os corpinhos desnutridos e os quebravam como o vento a uma cana frágil, aquela debilidade generalizada, atávica, que se acumulava em gerações de fome, reduzindo os homens a um terço de sua condição orgânica e tornando-os presa fácil da primeira enfermidade, até a mais banal. Pobre gente que mal vegetava, sofria tudo, humilhações e até crimes, bovina e doce, e há séculos acumulava a riqueza dos outros, dos senhores da terra, senhores por herança não merecida ou simplesmente por grilagem, por manipulação seja de cartório ou até pela violência policial dos despejos arbitrários. Estava cansado de ver moverem numa justiça realmente cega recursos contra a violência cometida contra velhos lavradores, autênticos pioneiros da conquista da mata selvagem que quando depois de trinta anos de labuta eram tangidos como animais, sem defesa, com filhos e netos para ir além implantar em outros ranchos conquistados à mata seu heroísmo — até que a cobiça de grileiros ou coronéis os tangesse para novos confins ou se confortassem a pagar o saque do foro por uma terra legitimamente sua.

Era ver aquele Vicente Garimpeiro que deixara curtindo sua febre. Não havia dúvida — um caso de impaludismo a fazer seus estragos sobre um corpo anemiado. Fosse o organismo são e a coisa não daria para assustar mas numa natureza daquelas sempre havia o risco. Enfim, logo pela manhã mandaria os remédios que bem tinha visto a pobreza do rancho. Já se acostumara a isso: à quase totalidade dos doentes pouco adiantaria a receita se lhes não fosse dado também o remédio e no Posto, apesar de todos os seus apelos para a Capital, mal havia o algodão, a gaze, o mercúrio-cromo, o álcool para higienizar a seringa ou os ferros cirúrgicos. O que ganhava como médico do Posto somado às raras consultas pagas só lhe permitia viver menos que modestamente mas apaixonara-se por aquilo — por aquela gente indefesa e boa, sentia-se útil, necessário. E com o tempo, cercara-o um grande halo de estima, respeito, quase veneração de toda aquela pobreza a quem tanto ajudava, salvando por

vezes vidas, fazendo até, com sua dedicação o que o povo chamava “milagres”. Os milagres da sulfa, da penicilina, das vitaminas e do cuidado permanente.

Menino sem pai, filho da arrumadeira de um Juiz que enviudara sem herdeiros e o acabou tomando a seus encargos, o doutor Costa tivera os primeiros anos da infância amargurados no desconforto, sentira de perto quanto dói a fome, a dormida sob tetos que deixam escorrer grossos pingos de chuva: a miséria fora sua ama. Depois, aos cuidados do bondoso Juiz Matoso a vida se fez melhor. Pode ir à escola e, embora não fosse aluno brilhante, aos vinte anos o velho magistrado que encontrara nele a resposta a encher seu vazio de viúvo estéril decidiu mandá-lo para Belém a estudar medicina que era seu sonho.

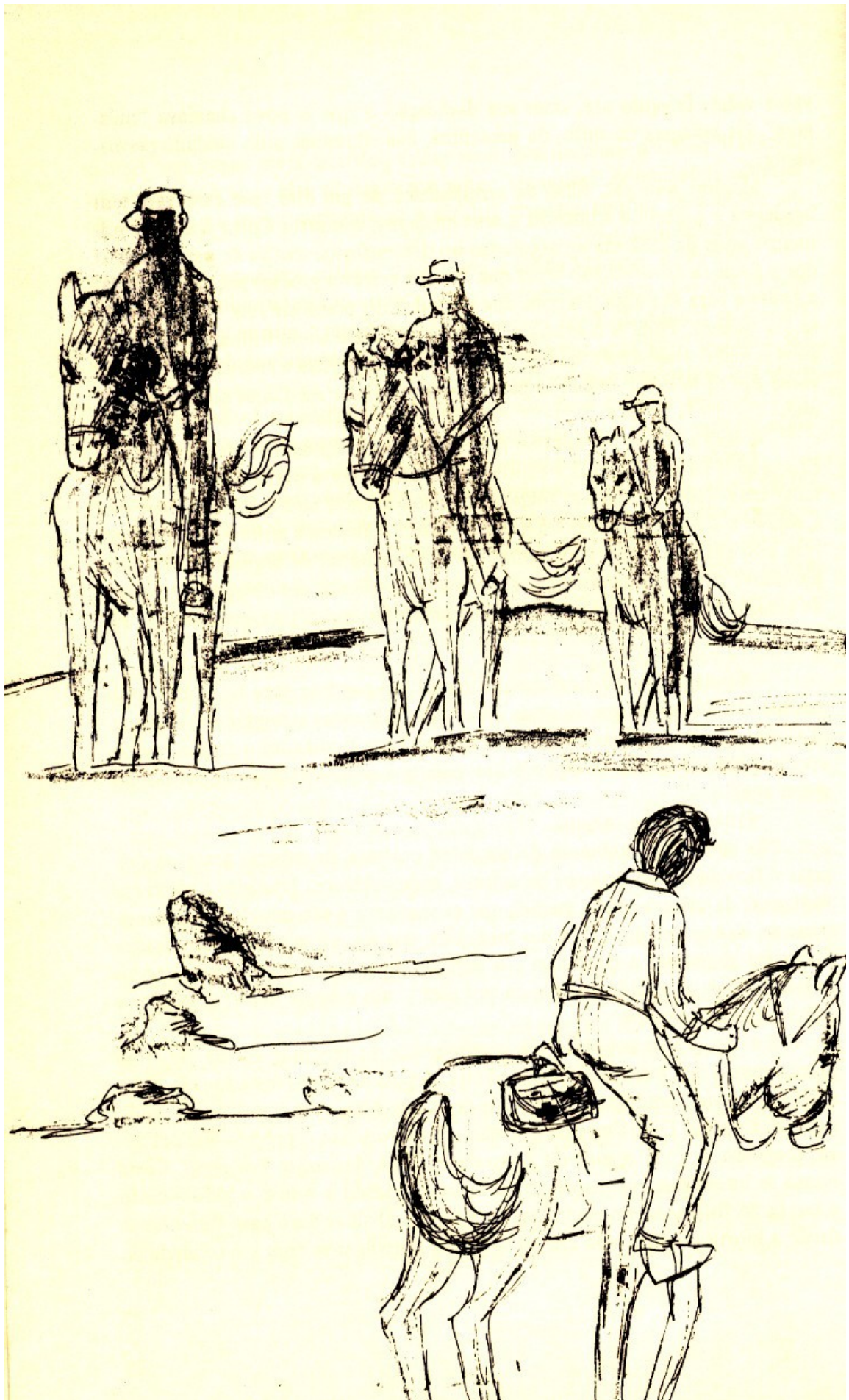
A morte desse pai adotivo o colheu quando cursava o segundo ano da Escola de Ciências Médicas e ele tivera que enfrentar, a partir de então um batedor mais duro: de dia nas folgas das aulas forcejava para um jornal, varejava a cidade à cata de notícias e à noite, ensinava. Chegara a enfraquecer daquela vida sem paradeiro mas conseguira vencer. E quando, de regresso a São Luís procurava um meio de começar a exercer a profissão, um colega dos tempos de ginásio em cujo consultório dava as primeiras consultas trouxe-lhe um dia a solução.

— Costa, se tu és duro mesmo tenho um negócio para ti. É um posto médico em Pouso Alegre, lá onde Deus não andou mas sempre é um começo. O Governo, apertado pela Oposição que reclama o abandono desses Postos, está procurando gente. O diabo é que com o vencimento que eles pagam ninguém quer...

— Pois eu quero. Aceito.

No começo o ambiente de sordidez política, de miséria social as próprias dificuldades em levar os lavradores, supersticiosos, fatalistas a aceitar as vantagens da ciência mas à medida que as receitas e o seu devotamento foram curando alguns desenganados das mezinhas, das rezas e dos feitiços, o doutor Costa foi ganhando a confiança e o coração de todos. Sentia-se agora como que integrado na grande família da pobreza — um parente muito próximo de todos os desamparados.

Por isso, pela antevisão da possibilidade de retribuir aquela generosa bemquerença dos humildes é que aceitara, depois de muito instado pelo coronel Feitosa, sua candidatura a prefeito de Pouso Alegre em oposição ao candidato do Coronel Dico Ferreira, que não era outro senão o próprio Manoel Silva, preposto e sócio menor do dono da terra no Armazém Progresso. Costa nunca se interessara realmente por política: decidido a vencer a todo o custo a tarefa de formar-se em medicina, tendo que trabalhar duro para sustentar-se desde a morte do Juiz, não chegar sequer a empolgar-se com a vivacidade do



ambiente político universitário. Suas idéias políticas eram vagas, não tinham legenda, reduziam-se, realmente numa preocupação pela sorte dos pobres que lhe nascera da própria infância sofrida e se ampliava agora ao contacto do sofrimento daquela gente.

Quando o coronel Feitosa o procurou e insistiu, apelando para o fato de que só ele, pela grande estima de todos poderia enfrentar o dinheiro, a influência e as fraudes do Dico Ferreira, o doutor Costa sentiu-se impellido a aceitar como se fosse uma covardia deixar fugir a oportunidade de fazer alguma coisa por tantos que nele confiavam.

Aceitou embora soubesse que não lhe permitiriam facilmente essa vitória, mesmo que as urnas guardassem a grande maioria de votos para ele.

Foi nesse passo dos seus pensamentos que lhe pareceu divisar marchando ao longe, em sentido contrário, três animais. Deteve-se por um instante a firmar a vista mas a pesada escuridão não lhe permitiu definir os cavaleiros. Escutou, sim, as batidas dos cascos no caminho pedregoso, avançando no rumo da noite...



A guerra entre os Ferreiras e os Feitosa remontava aos confins da memória — era quase tão antiga como Pouso Alegre. E de avó a neto se mantinha, ora acirrada, ora amainada como fogo que parece na cinza mas o primeiro vento transforma em labaredas. Feitosas e Ferreiras faziam a crônica daquele chão, crônica que capitulava amores contrariados, ódios mortais, crimes, ambições de terra e mando. Os Feitosas tinham plantado a cidade ao chegarem, novos bandeirantes, há séculos e meio da Paraíba. Haviam erguido a Casa-Grande, a capela, possuíam escravos e um pequeno engenho de onde saía o açúcar para todo aquele sertão. A libertação dos escravos, no fim do outro século, coincidiu com a chegada a Pouso Alegre dos Ferreiras, vindos do Ceará, que aproveitando a alforria dos negros logo trataram de se fazer também donos de terras para acorrentar de novo no foro e na terça o braço alforriado.

E assim nascera a guerra das duas famílias que já durava quase cem anos. A sombra daquela guerra de senhores feudais, milhares de lavradores em muitas dezenas de anos, tinham sido apenas os servos da gleba, iguais às bestas de carga, de que os senhores dispunham ao sabor dos seus interesses ou paixões.

Ao coronel Severo Feitosa tinham-se-lhe embranquecido os cabelos na frustração dos desencantos — depois de 1930 perdera o controle dos acontecimentos: Dico Ferreira sempre atrelado ao Partido do Governo se fizera praticamente dono do município. Nem a Ditadura o atingira. E, senhor da Prefeitura, escolhendo Juiz e Delegado, apontando Coletor e professoras, cobrando os impostos a seu talante, falsificando posses de terra no Cartório e as atas das eleições Ferreira arruinara o velho Feitosa que agora, na casa de fazenda secular, outrora farta e festiva, era uma sombra apenas a passear angústia, a angústia de pensar que traía, sem querer, lutando contra o impossível a memória brava da família.

O filho único estava em São Paulo brigando pela vida como um qualquer. Mal já lhe mandava notícias. Era definitivamente homem de um outro mundo. Severo Feitosa estava assim, na inteira solidão. Mas, como um laivo de esperança, entreviu na candidatura do jovem médico, que sabia estar no

coração de tanta gente, uma possibilidade de derrotar Dico Ferreira. Não lhe restava a ele mais nenhuma alternativa: sabia que o que lhe restava de influência era pouco para lutar sozinho. Mas somado à influência do doutor, quem sabe... Seria um bom desfecho para a crônica daquela velha luta. O melhor desfecho com que lhe era dado sonhar.

E assim se aliaram as ruínas de uma família de senhores feudais a um homem que representava mentalidade e condição social antípoda: a velha e acuada raposa política entregava a uma nova liderança o comando de um combate que sabia não ter mais condições de vencer para si.

Mas mesmo assim a luta era desigual: David ia enfrentar um Golias traiçoeiro e duro. Certo que se a luta fosse limpa, sem artimanhas, sem ameaças, sem violências, sem o facciosismo do escrivão eleitoral, sem os fuzis do sargento Pimenta, sem a coação aos meeiros (bom lembrar que coronel Dico Ferreira era praticamente dono quase absoluto das terras do município...) o coronel estava certo de que a amizade, a confiança que a gente humilde dedicava ao doutor Costa lhe daria a vitória. Mas seria ingenuidade pensar assim fosse correr o pleito.

O coronel Dico Ferreira espumou de raiva ao estourar com uma bomba a notícia a candidatura do doutor Costa.

— Isto é soncice do Feitosa! advinhou logo o outro. O canalha sabe que não pode enfrentar-me e lança mão desse rapaz. Pois vou esmagá-los! Vou esmagá-los de uma vez!

Mas Dico Ferreira temia. O médico era simpático, todo mundo lhe devia favores, muitos a vida de filhos, pais, parentes. Claro que uma besta como o Manole Silva não podia competir com ele. Tinha de mandar o escrivão ver bem esse negócio dos títulos novos. Que pulha aquele Feitosa! Duro na queda: há quarenta anos resistia e, quando parecia denitivamente arruinado, saía-se agora com aquela. O peste sabia que ele mesmo, Dico Ferreira, era devedor do doutor Costa. Pois não fora o doutor que lhe salvara a filha fazia dois anos quando a coitadinha quase fora com aquela maldita — moléstia remosa. Feitosa queria agora amarrar-lhe as mãos, impedí-lo de agir livremente, certo de que não esqueceria como o doutor — e com que dedicação, o homem não dormia vários dias para atender a doente — salvara Marília.

Era o diabo aquela candidatura. Mas doesse em quem doesse tinha que enfrentá-la. E se o rapaz ousava o desafio não iria ter cerimônia.

— Vou esmagá-los! e seu pensamento se agarrava à lembrança do sargento Pimenta. Era o jeito... mas, por mais que se esforçasse não lhe fugia dos olhos a imagem estenuada do doutor debruçado à cabeceira do leito de Marília, para salvá-la, e uma cólera destemperada contra o Feitosa lhe transbordava do coração impiedoso. Ao derrotar o doutor Costa, em outubro passado: o coronel Ferreira muito mais do que ao médico sentia o prazer de liquidar o seu secular adversário. É claro que achava uma idiotice aquela mania do rapaz de

enfiar-se naquele mato, desconhecido e sacrificado, perdendo tempo, saúde e dinheiro quando podia tentar a fortuna na Capital onde os médicos que conhecia-a viviam à tripa forra; envenenara-se também com os discursos do candidato que eram uma clara condenação aos seus métodos de apoderar-se do município; e eram de todo doidas aquelas idéias do doutor de mandar examinar a legitimidade dos títulos de posse dos donos de terra. Mas não chegava a odiar o rapaz — seu ódio era para o outro velho coronel, um ódio que vinha do primeiro Ferreira ao primeiro Feitosa.

Mas a eleição ensinara alguma coisa ao coronel. Ele, mais do que ninguém, sabia que Costa vencera nas urnas. E por isso, naquela mesma noite em que o médico se cruzava, de regresso da visita ao Vicente Garimpeiro, com a cavalgada dos vultos que não conseguira identificar, o coronel Ferreira escrevia carta ao deputado Pereira Rocha pedindo-lhe que arranjasse, junto ao governo, a transferência do doutor Costa para o município mais confortável, a título de prêmio pelos valiosos serviços prestados a Pouso Alegre...



Se a noite não fosse tão densa, teria o doutor Costa, ao regressar ao passo lerdo do seu animal do rancho do Vicente Garimpeiro podido identificar os três cavaleiros que marchavam em direção contrária e que outros não eram senão o sargento Pimenta e dois soldados do destacamento policial. Eles iam também levar ao Garimpeiro uma visita embora muito menos solidária...

De há muito o sargento-delegado trazia aquele revólver de prata atravessado na cabeça. Primeiro como a lembrança desses muitos boatos disparatados que o povo sempre inventava e que nasciam ninguém mesmo sabia onde nem como. De repente se murmuravam de casa em casa, de conversa em conversa, de fuxico em fuxico e, por algum tempo enchiam a cidade. Depois se iam desfazendo quase como surgiam para dar lugar a outros. Assim fora com aquela história do revólver de prata, cabo de madrepérola e diamantes do Garimpeiro. Algum tempo depois de Vicente ter regressado do garimpo, já desterrado para aquele fim de mundo na fronteira da reserva dos índios, se levantara no povo aquele rumor: o lavrador escondia-se para guardar alguma secreta riqueza. Na verdade Vicente ao contacto com colegas no trabalho da cata dos diamantes, ouvira de um outro conversas sobre a fundação de associações — as Ligas nas terras de origem daqueles — Pernambuco, Paraíba. As Ligas, segundo se falava defendiam os lavradores contra grileiros e donos de terra, questionaram por causa de foros e proibições. Recebera mesmo de um desses companheiros, no garimpo, um avulso chamando os camponeses de (...) para organizarem sua Liga. Vicente não sabia ler mas Joana sim. Ele não entendeu bem mas achou que, se era para acabar com aquela miséria em que seu pai se acabara nas unhas do coronel Dico, a coisa era justa. E guardara o avulso no fundo do baú.

Enquanto não havia ali também uma Liga dessas para defender o povo humilde, o jeito era fazer como ele: fugir das terras, dos foros e dos desaforos do coronel nem que fosse num chão trabalhoso e ainda ameaçada da hostilidade dos índios “urubus”.

Essa é que era a verdade mas não para os inventores de estórias. Para essa não havia duvidar — Vicente escondia seu quê de riqueza. Daí ao murmúrio do revólver de prata foi um ótimo. E a novidade se espalhou: uns a repetiam

por inveja, outros por despeito, alguns pensando que só ali em Pouso Alegre um pobre tinha de morrer na pobreza, muitos já planejando repetir a aventura do Garimpeiro.

Pimenta acabava também se deixando contaminar por aquele veneno de intriga sobretudo depois que, na última viagem a Imperatriz, vira a Luzia mais linda, mais apetitosa, mais tentadora, a recusá-lo no seu desesperado desejo para deliciar aquele insuportável engenheirosinho da RODOBRÁS. A vista do Chico, filho do Garimpeiro, na venda, àquela manhã, decidira o sargento.

O revólver de prata era uma arma. Vicente não regularizara a arma na Delegacia, iria portanto fazer a apreensão, como manda a Lei. Ele era um representante da Lei, da Lei armada. E, na prática ele era a lei... Cumpria-se a lei.

Mas o sargento pensava que se o Garimpeiro tinha uma arma desse valor, teria outras: e não ia entregar aquela riqueza assim só. Decidiu, portanto, armar-se e levar consigo dois soldados para o que desse e viesse. Antes, porém, os três deram um longo bordo por todos os botecos do lugar, a tomar suas talagadas de cachaça para molhar a garganta e espertar o corpo do frio da noite.

Beberam muito. Se encharcaram mesmo. Do meio para o fim da pândega já falavam aos berros, lançavam pornografias contra os frequentadores ocasionais. Estavam rubros de álcool, com os olhos de um brilho baço ameaçador, destemperados.

Ao encostar na venda onde vira o Chico, pela manhã, Vicente atirou numa garrafa de Cinzano que se despedaçou num grande tilintar de vidros estilhaçados, deixando a escorrer da prateleira a bebida, como uma bola sinistra. O vendeiro disfarçava a tremedeira que o bando desarvorado lhe provocava e os três fregueses soltavam grandes risadas.

— Aposto qualquer coisa como ainda hoje sou um homem rico!, gritou Pimenta para o vendeiro. E de revólver em punho estrugiu:

— Topa ou não topa?

O vendeiro riu amarelo sem saber se dizia sim ou não. Foi quando o sargento-delegado, debruçando seu bafo pesado sobre o aterrorizado comerciante, lhe levou a arma ao nariz e confidenciou:

— Tu conheces a Luzia? Não. Então nunca viu nada. A dona Marília junto dela é um bagulho.

O velho vendeiro fazia que sim com a cabeça mas aquele cheiro de cachaça e pólvora, a disposição feroz daqueles fregueses já o fazia verter pela perna da calça as urinas quentes e ácidas.

Felizmente para ele, Pimenta, de repente empertigou-se e ordenou aos soldados:

— Vam'bora! pessoal!

Estavam todos meio bambos, azougados virulentos. A violência que os vira nascer e que lhes era um hábito, crescera, ao calor da bebida, até o grosso volume de torrente incontrolável que ia desabar sobre um campo de plantações frágeis, a espalhar desolação...

Montaram trôpegos. E já de saída o sargento ainda apontou à porta da venda a repisar:

– Quantos contos vale mesmo o revólver de prata?

Deu uma gargalhada que os outros repetiram num eco. E desabalaram...



Apeararam-se a cem metros do casebre. Amarraram os animais e lutando contra a embriaguês foram se chegando, cautelosos como ladrões. Na mão, as armas prontas para agir.

Lá dentro a chama de uma pequena lamparina dá uma luz escassa ao ambiente e lhe revela a dolorosa pobreza; o casebre é uma peça só. A um canto a cozinha — uma tripeça de pedras com a panela de barro, o pote, três pratos de flandre, uma caneca. No meio do cômodo uma rede, enviezada com outra. Ao fundo uma rede menor e junto alguns apetrechos de lavoura. O baú. Da rede do centro escapa um gemido débil e contínuo.

O sargento, na sua rudimentar estratégia observa o ambiente e, quando depois de bem esquadriñar, avaliou a inexistência dos riscos, ordenou a invasão. Experimentam a porta e, ante a resistência, rebentam-na a coice. Joana a-corda num susto e estremunhada, sem atinar com o significado daquela violência, da presença daqueles soldados ali aquela hora da noite, fica imóvel, muda, as pernas se recuzando ao movimento. Quer gritar e a garganta se nega; quer correr e lhe faltam forças.

Pimenta debruça-se sobre a rede de Vicente que, ardendo em febre, gemendo, com a cabeça turva, dorme um pesadelo sem nada pressentir. O sargento lança mão de um facão que ficava encostado à parede de palha e com um golpe corta o punho da rede do lado da cabeça. Tombando desamparado, Vicente, não chega sequer a despertar pois logo desmaia enquanto soldados o levantam, desacordado, e Pimenta berra:

— Cadê o revólver de prata? Cadê o revólver de prata?

E desesperado ante o silêncio do Garimpeiro desfecha um murro brutal que lhe racha a boca e deixa um fio de sangue escorrendo pelo queixo. A visão do sangue alucina o sargento que continua a massacrar o lavrador inerte e indefeso, sempre berrando:

— Cadê o revólver de prata?

Mas Vicente não pode mais responder. Um dos soldados atalha a brutalidade do chefe:

— O homem tá morto! e largando o cadáver. Joana, àquelas palavras, pede à dor forças para vencer sua traumatizada imobilidade para tentar lançar-

se sobre o corpo do marido; com um grito lacinante, mas foi colhida pelo brutal pontapé de um soldado e rolou pelo chão uivando de dor e angústia. Sentia que ia perder o filho: ia ser mãe naquele instante.

O grito desesperado da Joana acordou Chico, que atropeladamente se precipitou para ela. Ao correr derrubou a lamparina que se apagou. No escuro ouviu-se um tiro e depois de um breve silêncio o sargento riscou um fósforo: o menino tinha tombado, varado pelo fogo do soldado assustado que não previa o movimento partido daquele canto do casebre.

Enquanto, com cortantes lástimas, Joana entrava nos trabalhos de parto a esvair-se. Pimenta, de lamparina à mão, vasculhava todos os recantos da casa. Até que parou diante do baú com um riso mau de esperança. Ali devia estar o revólver de prata.

Mas tudo que conseguiu recolher foi aquele avulso chamando os lavradores de (...) à reunião para fundar uma Liga Camponesa. E um velho revólver de ferro enferrujado com um cabo improvisado de madeira, grande encantamento do menino morto que com ela brincava de valente.

Louco de cólera e frustração, Pimenta, indiferente às dores da mulher, mandou abalar. E ao sair trovejava:

— O filho da p... morreu sem dizer onde escondia o revólver de prata! O filho duma égua!...

Resolveu então fazer um bordo pela casa do pai de Vicente que ficava um pouco desviado do caminho do regresso. Bateu sem apelar e quando o velho atendeu, foi-lhe avisando:

— Passamos na casa do Vicente e ele mandou dizer que tem lá um porco velho, uma porca e dois leitões sangrando. Para você ir ajudar a limpar os bichos...

E com um riso sórdido seguiram viagem, deixando o velho, incrédulo, atordoado com o aviso impossível e o ar sinistro dos policiais a repetir:

— Um porco velho, uma porca e dois leitões?!

Quase ao sumir no caminho Pimenta voltou-se e acrescentou:

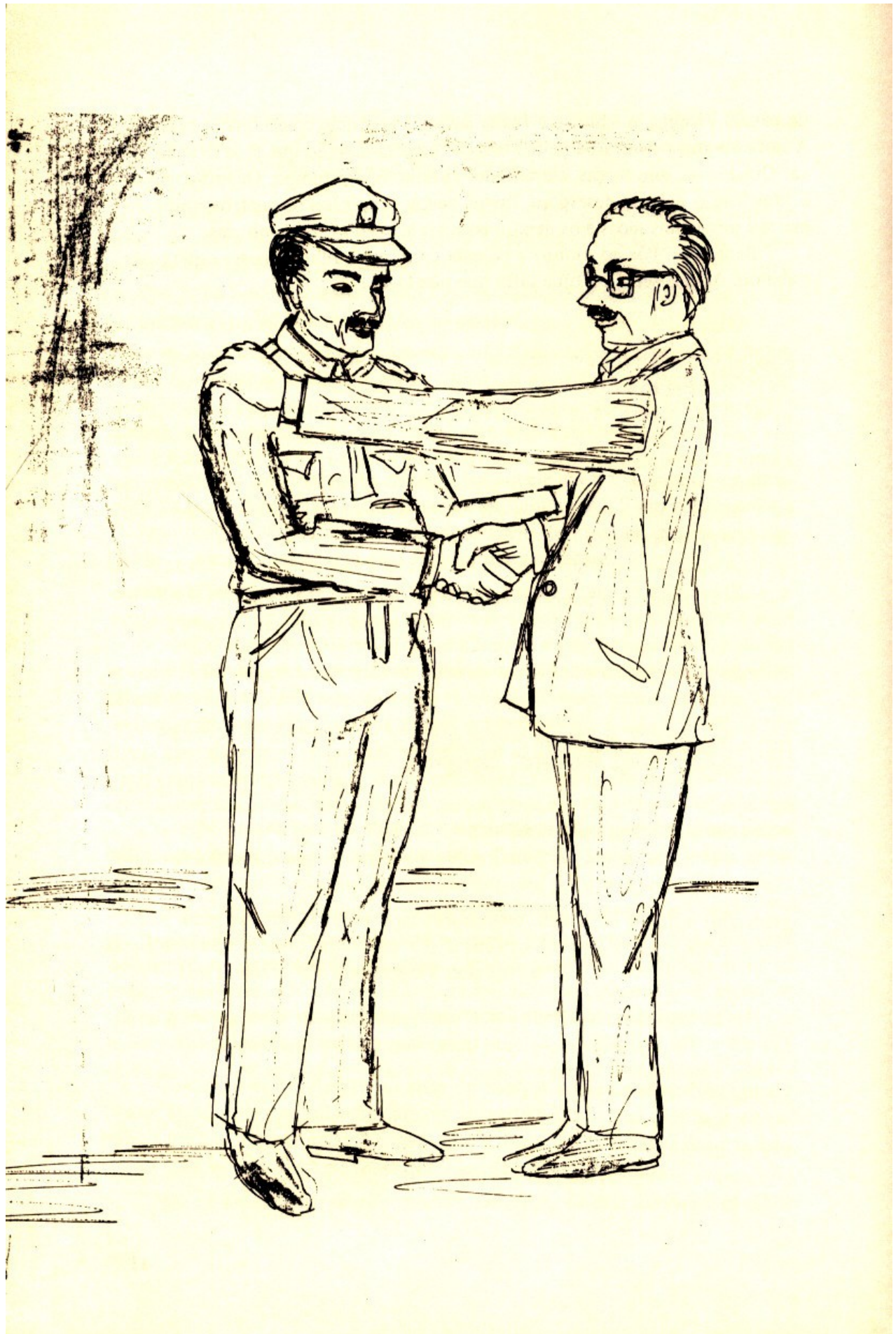
— E é cuidar logo senão a carne estraga...

Quando o velho chegou ao sítio do filho já o dia clareava. Não que ele tivesse acreditado nas palavras daquele sargento bêbado mas pusera-se ao caminho porque alguma coisa lhe dizia que a visita do Pimenta, a desoras, não era de bom agouro. Bem ele sabia que Vicente não tinha porcos...

Mas só entendeu o recado quando, no entrar da casa arregalou os olhos

de pavor: Vicente, o Chico e a Joana jaziam ao silêncio como bichos caçados. A nora apertava contra os peitos inúteis o recém-nascido que já ia ficando roxa. Quedou-se, sem forças, atarantado, durante muito tempo. Depois como se o impelisse o próprio desespero, cavou, cavou e enterrou os quatro corpos. Amarrou uns galhos secos e os deixou como cruzeiros sobre as sepulturas.

Benzeu-se. Pôs ao ombro a enxada com que o filho semeara esperanças e abalou. Aquela seria a última safra que plantava...



Alagado de poeira e suor Pimenta, ao saltar do ônibus misto em que regressa da Capital tem ainda mais ajuda a memória desses negros fatos, aguçada pelo sentimento de seu fracasso. Sabe que poderá talvez o deputado Rocha matar no nascedouro a onda de escândalo e revolta que ameaça arruinar tudo: sua vida militar e a política do coronel Dico Ferreira. Mas perdida, definitivamente perdida para um resto como é aquele engenheiro da RODOBRÁS estará definitivamente a Luzia. Ao pensar nisto morde-se todo por dentro mas sabe que não tem jeito: só se o rio das empreitadas da rodovia secasse. E é o que não vai acontecer.

A idéia do inquérito policial-militar inquieta-o também um pouco mas se o deputado acha que é o mais conveniente, seja. O homem tem lá suas manhas e influência que ele bem o viu naqueles dias passados: parece que tudo se adoura à sua passagem, desde as mulheres às Secretarias. Tomara Deus...

Nos dias seguintes as preocupações do sargento-delegado vão tornar-se mais sérias ao tomar conhecimento de que o doutor Costa depois de tentar por todos os meios e em vão levar o Juiz da Comarca a tomar uma providência, para punir os matadores da família do Garimpeiro se apresta para seguir no próximo expresso para a Capital. Procura o coronel Dico para comunicar-lhe aqueles rumores. O coronel, porém, escuta tudo sem maior amostra de maior cuidado e limita-se a dizer:

— Pimenta, o deputado está cuidando disso. Fique tranquilo. O doutor Costa não vai nos perturbar por muito tempo mais...

Desde o momento que o velho pai de Vicente Garimpeiro o procurou para contar-lhe, como quem se apegava ao único ser capaz de entender-lhe o coração despedaçado que pede justiça, aquela inominável tragédia, o médico se jurara a si mesmo que não descansaria enquanto não estivesse punidos aqueles animais ferozes que chegavam a envergonhá-lo de ser homem. A narrativa do velho lhe deixara evidente quem eram os noturnos cavaleiros que se tinham cruzado com ele ao regressar da visita ao rancho de Vicente, na noite criminosa.

Embora sem grandes esperanças procurara o Promotor e o Juiz da Comarca, narrar-lhes a espantosa tragédia mas o contato com ambos apenas acrescentava a suspeita quanto ao caráter dos mesmos que nele se firmara nas

eleições recém-ocorridas: eram dois bonecos nas mãos do coronel Ferreira e do deputado. Seu conceito de Justiça terminava onde começassem os interesses ou ambições daqueles. Decidiu então levar o problema até a Capital, e ver se lá as instituições vigiadas pela Oposição na Assembléia Legislativa e pela imprensa estavam menos apodrecidas.

Sentia-se tão cansado, tão extenuado física e psicologicamente daquele ambiente de miséria e desumanidade, a tragédia provocava-lhe uma consciência tão gritante das injustiças, que precisava mesmo de uns dias de repouso para não lhe estourarem os nervos. Procuraria o Mário Lima, advogado de grande capacidade e coragem, seu antigo colega de estudos e que era conhecido como um devotado às causas da gente humilde. Não era possível que Mário também se tivesse corrompido. Não, o colega tomaria a si aquele caso e o crime bárbaro seria punido. Ou então viver se tornara uma coisa ignóbil.

Haveria também de ir falar ao Secretário de Saúde sobre aquela situação do Posto. Era-lhe impossível continuar atendendo de seu próprio bolso as necessidades do número sempre crescente de enfermos que o procuravam. Afinal num município de tanta pobreza o Posto, sem medicamento, era apenas um castigo: como curar sem receitas, e como receitar para quem não pode comprar o remédio?

Com estas coisas no pensamento o doutor Costa embarcou no desconfortável expresso que deveria levá-lo à Capital. A chegada ou partida do ônibus era sempre um pequeno acontecimento naquele sem-fim. Agitava-se então à porta da agência uma pequena multidão de gente que ia ou voltava, parentes, curiosos acotovelando-se numa grande algazarra.

Conhecedor dos incômodos da viagem o médico conseguira uma passagem na boleia e quando acabou de instalar-se viu saltar do outro carro da empresa que acabava de chegar com um atraso de mais do que o tradicional, um militar. Firmou o olhar e reconheceu, com desagrado, o capitão Sereno. Que diabo ele fazia ali, em Pouso Alegre?

Uns respingos de chuva despertam o doutor Costa do pesado sonho que o torpor da viagem longa e o estado de fadiga que o enfraquecia o tinham lançado. Aquelas gotas frias que anunciam a tarde chuvosa que irão tráfegar daí em diante, fazem-lhe bem. O ar esfria e um vento agradável bate-lhe o rosto e desperta nele uma satisfação física que, aos poucos, vai tomando conta de seu espírito. Viaja no tempo para o passado, para um outro inverno, para a imagem secreta daquela cuja memória lhe é como um ponto de refúgio: Marília, pálida, ainda muito débil lhe sorri agora como quando sorriu pela primeira vez em seu retorno à vida quando seu organismo jovem e os cuidados dele a salvaram e os olhos dela assim revelaram sua ternura ao vê-lo com a testa perlavada de suor, com as mãos mergulhadas no cabelo, ao observá-la angustiada junto ao leito da enferma.

Recordava que, uma vez pelo menos, vira o coronel Dico Ferreira sofrer humanamente. Naquela manhã em que lhe batera à porta de casa para pedir-lhe socorresse com urgência a filha que desde a véspera não passava bem e amanhecera numa febre delirante.

Na carruagem, lado a lado, o médico observara de soslaio várias vezes aquele homem duro, impiedoso morder, calado, uma inquietação que o humanizava. E quando o estado da jovem se agravou ao ponto de ter o médico quase perdido a menor esperança, Dico Ferreira foi um pai insuspeitável. Dia e noite na cabeceira da jovem chegara a deixar escapar lágrimas verdadeiras de dor.

As coisas tinham estado tão más que duas noites Costa fora ver as pessoas na casa do coronel para atender qualquer emergência com a mistura de angústia e prazer de se sentir tão próximo e tão indispensável para aquela que, em segredo, já algum tempo amara e em segredo continuaria a amar. Costa sabia bem que era loucura, que Marília já estava prometida ao deputado Pereira Rocha e esse casamento interessava, convinha ao coronel Rocha pai do parlamentar e ao coronel Ferreira: os domínios de ambos, senhores de municípios vizinhos, somados se ampliavam. O neto de ambos seria dono de mais terra, mais riquezas, mais poder! Marília parecia não partilhar muito da alegria deles mas conformara-se. Muito jovem ainda nem ela saberia bem em que consistia



sua felicidade sonhada para se opor ao que, convindo a todos lhe era quase indifferente. Depois Pereira Rocha era um homem e não chegava a ser de todo uma companhia desagradável.

Em poucas oportunidades o médico dela se aproximara mas quando isso ocorria, parecia-lhe vislumbrar na satisfação que tais encontros produziam em Marília, um indício de correspondência aos seus sentimentos. Vãs esperanças. Que, contudo, não impediam um constante regresso da sua imagem ao coração dele. Como agora, em que o halo bom daquele primeiro sorriso de retorno à vida lhe retornava numa imagem muito nítida, muito doce, cálida como um gesto de carinho.

Lembrava que assim se tinham quedado a olhar-se, mudos, profundamente entrelaçados na transmissão dos sentimentos que não se traduzem em gestos mas são ainda mais densos no imóvel silêncio. A memória daquele momento de pureza e comunhão aqueceria para sempre sua solidão.

Via o pai, ao reencontrá-la salva e risonha, ajoelhar-se aos pés da cama e beijar-lhe as mãos e, como nunca na vida, se agradecera o esforço dos anos de estudo e cansaera.

Certo que a vida, toda a soma de coisas estabelecidas que vão de conveniência ao inevitável, se interpusera entre ambos, mas ninguém poderia roubar-lhe a doce recordação de um momento assim intemporal e profundo.

Lembrando-lhe a imagem sempre doce, Costa recorda a última vez que se tinham visto, por ocasião das eleições. Nem se haviam falado. Notara-lhe uma ar levemente magoada mas continuava a irradiar a mesma leveza. Seu Corpo adquirira um todo mais maduro de mulher, a experiência deixava suas marcas na menina de ontem mas não vira em Marília nada que traído aquela que para sempre gravara nele com a graça e ternura daquele sorriso indesmanchável.

E, assim, recordando, revivendo, ao doutor Costa até a viagem enfadonha se fez leve. Em dado momento despertou-se para a realidade e sorriu daquele súbito desejo de revê-la. Sabia que ela estava lá no seu ponto de destino. Poderiam, por certo, encontrar-se, ou, ao menos, tomar a olhá-la, mesmo fúgidiamente, um minuto que fosse.

O tempo suficiente para se certificar de que aquele sorriso ainda não se desvanecera...



No dia seguinte à sua chegada a São Luís, Costa decidira ir visitar um bom amigo aquele mesmo que, fazia anos, lhe conseguira a nomeação para Pouso Alegre e por isso ali estava refastelado numa poltrona na sala de espera do consultório do doutor Artur Medeiros, aguardando que o conceituado clínico se desocupasse. Seriam quase seis horas da tarde, uma tarde muito límpida e suave que aproveitara para rever recantos da velha e pachorra cidade, num bando de boas lembranças de outro tempo que o desintoxicasse da penosa obsessão do ambiente triste e doloroso de Pouso Alegre. Estivera na Avenida Pedro II a lembrar o vício antigo de ir olhar o mar em frente à rampa do Palácio do Governo, cuja balaustrada divisava toda a baía com o mar espumando sobre os bancos de areia e enchendo-se de reflexos dourados sob a luz cortante de um sol deslumbrado. Percorrera velhas ruas estreitas, caminho antigo de um outro ele menos inquieto e mais cheio de esperanças, mas, sem dúvida bem o irmão do que era hoje. Costa sempre gostara muito da cidade, de sua tranquilidade humilde, de seu ar provinciano e ingênuo que nem o tempo nem o natural crescimento, nem a maior das ruas conseguia destruir.

Sentia-se agora renovado, um pouco menos desentendido com a vida, e por isso estava alheio, vago, desatento ao que ocorria em torno a si. Acendera um cigarro, acompanhava-lhe a fumaça, cismava quando a enfermeira avisou:

— Agora o senhor. Pode entrar.

Levantou-se e já esboçava o gesto de empurrar a porta quando esta se abriu e uma mulher de rara beleza passou numa vaga de perfume, com um resto de sorriso malicioso nos lábios. Medeiros, passando o braço no amigo, depois de fitá-lo um momento a medir-lhe a ruína, brincou:

— Homem, parece que a mulher te deixou tonto?

— Quase..., riu o jovem médico.

— É uma grande mulher, a Alda, — disse o outro dando às palavras um sentido pouco oculto de satisfação e posse.

— E não parece doente — ponderou o doutor Costa.

— Quem, a Alda? — perguntou Artur meio espantado com a inocência do colega e completou: — A Alda distribui saúde! e falando quase confidencialmente:

– E amor...

Costa estava realmente espantado e não conteve a curiosidade:

– Mas é para isso que ela vem aqui? No consultório?

Medeiros deliciava-se com tamanha ingenuidade e justificou:

– A cidade é um ovo, rapaz. Não tem um lugar onde se possa amar decentemente uma mulher casada, rica e que não tem interesse em perder o conceito social. Só que ninguém pode condenar uma senhora por procurar remédio para seus males... mas, deixemos de parte o lado libidinoso de um profissional civilizado – fala-me de ti. Que tens tu feito?

– Vivo, trabalho... – Costa ia acrescentar “sofro” mas se conteve por discrição.

– Então tu achas que enfurnar-se alguém no suburbio do inferno é viver, Costa?

– Depente, Artur. Depende do temperamento de cada um. Às vezes não se tem conforto mas há coisas que compensam...

– Qual, homem, eu estou vendo tua compensação: estás arreventado, cansado, envelhecido. E pobre! Não é preciso que me digas – eu sei. Que diabo pode oferecer um vilarejo miserável lá nos cafundós do sertão se até esta cidade aqui, com seus trezentos anos, ainda parece uma feitoria da época do povoamento.

– Ora, ora, estás exagerando. Eu gosto daquela gente.

– Que gente? Os ingratos que te derrotaram na eleição para Prefeitura?

Ante esta referência, o doutor Costa ficou, subitamente muito sério e contraditou o amigo:

– Não foi nada disso, Artur. Tu não sabes a história verdadeira. Eu fui eleito...

– Tu foste eleito? Mas então homem que desgraça de coisa é essa que um vence e o outro ganha?

Estavam agora os dois junto à janela que dava para a rua Osvaldo Cruz, centro do comércio chique e onde a elegância da cidade fazia avenida todas as tardes. A noite vinha chegando e o burburinho, aos poucos, se esvaía. Costa recordava tudo e depois de um breve silêncio:

– Aquela gente não me derrotou: foi derrotada comigo. Tu já pensastes o que é enfrentar a sovínice do escrivão, as ameaças a pobres lavradores que são verdadeiros servos da gleba eternamente endividados ao dono da terra que era meu verdadeiro adversário, a violência de um destacamento policial comandado por um bárbaro e a complacência de um Juiz amaciado com promessa de ser promovido se souber fazer as coisas?

– Costa e essas coisas são verdade mesmo? Eu pensava que eram exageros de descontentes.

– Mas não bastou. – Prosseguiu aquele – Para arranjam a maioria ain-

da tiveram que trocar duas urnas.

– Trocar duas urnas?!

– Sim, homem. As que foram colocadas nas seções de um lugarejo longínquo para receber os votos eram falsas. As verdadeiras receberam os votos para o meu adversário e foram trocadas, habilmente, no caminho, pelo sargento Pimenta que, dizendo-se meu amigo e insultando o coronel Ferreira embriagara os acompanhantes, depois de lhes iludir a confiança.

O doutor Medeiros estava estupefocado. Então esmagava-se assim um homem honrado e generoso, a esperança de melhores dias de uma gente miserável e boa. Era sórdido. Não, não queria ver o amigo por mais tempo vítima daquela engrenagem desumana. Sacudiu-lhe uma pergunta a adivinhar seus propósitos.

– E agora?

– Agora lá estou. Eles vão continuar roubando, perseguindo. Eu continuarei cuidando das maselas do corpo e consolando das desgraças... enquanto puder.

Medeiros olhava o amigo. Estava magro, envelhecido, descuidado e era um homem bom, um médico honesto e capaz: melhor que ele. Apesar de ser rico, de estar quase entorpecido para o sofrimento alheio comodamente instalado na vida como estava com bons empregos, clínica bem pagante, uma vida confortável que incluía até o amor perfumado de mulheres bonitas e elegantes, Medeiros era sensível. E sua sensibilidade, ferida com o que acabara de escutar reagiu:

– Não, Costa. Manda essa merda do Posto, e o Governo idiota, e esse coronel criminoso às favas. Tu vens para cá, trabalhar comigo. Estava mesmo pensando em montar uma casa de saúde para tomar dinheiro dessa gente que pode dar-se ao luxo de curar dor de cabeça com estações de repouso. Ganhas dinheiro, vais comer, vestir, gozar decentemente. Porra! que me estragaste a tarde!

– Não digas isso.

– Mas se é verdade! Chego até a pensar que tenho sido um sibarita.

– Ora, Medeiros, que culpa tens tu do que acontece em Pouso Alegre?

Safam. Anoitecera. E enquanto se aproximavam do carro de Medeiros, este insistiu:

– E afinal aceitas a minha proposta?

Costa não queria magoar o amigo mas sabia que havia agora uma força enorme obrigando-o a dizer:

– Agradeço-te e, se pudesse, gostaria de trabalhar contigo. Mas não posso; não posso...

– Quer dizer que voltas?

– Devo voltar. Tu não podes compreender... mas devo voltar.

**Medeiros ficou silencioso, olhando o chão. Sentia-se humilhado diante da generosidade daquele rapaz. Mas reagiu. Olhou o amigo com um ar que traduzia profundo respeito e amizade e concluiu:**

**— Assim seja, seu Cristo! Mas vamos ao menos jantar lá em casa.**

Mário Lima sempre fora assim: agitado, barulhento, totalmente desinibido, mas leal, correto e de uma inteligência fulgurante. Capaz de se acalorar até o palavrão numa dessas intermináveis discussões que prendiam na praça João Lisboa, até a madrugada, um grupo de rapazes alegres, de uma curiosidade intelectual acirrada, radicais, e amantes da vida. Para saber se Mário Lima estava no grupo bastaria esperar um pouco, na distância: sua presença não demoraria a ser denunciada pelo revoar no silêncio noturno da mais terrível gargalhada já emitida por um vivente. Era ele.

Quem o não conhecesse bem poderia chegar a pensar que aquele rapaz posudo fosse apenas um grande devorador de agradáveis coisas terrenas: mulheres e reijoadas. Mas os seus amigos sabiam há muito tempo o que a cidade depois descobriu — Mário Lima, por trás daquela desbragada expansão natural, guardava poderosa estrutura de inteligência e uma tormentosa capacidade de raciocínio que os colegas respeitavam.

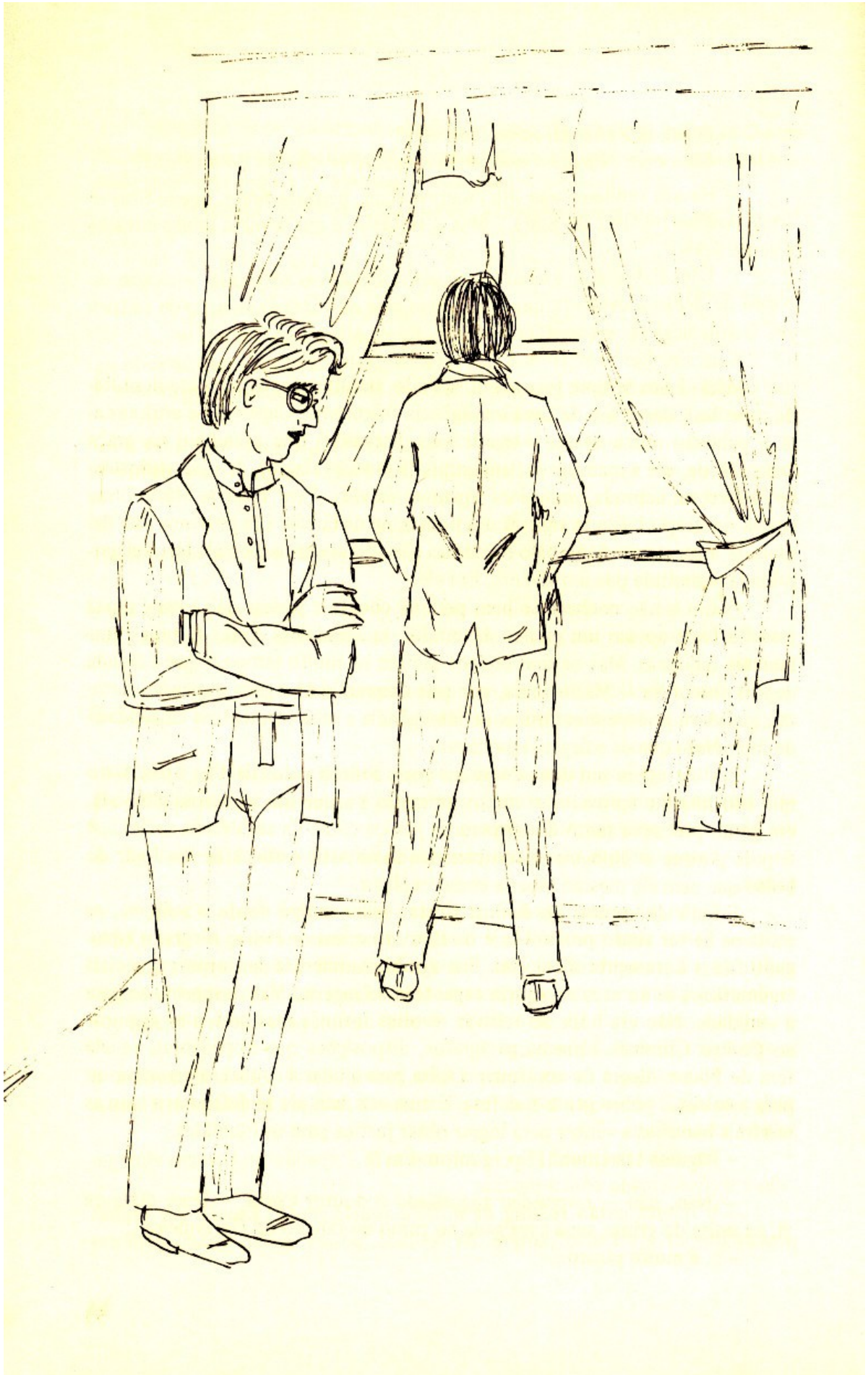
Era ele agora um dos advogados mais conceituados de São Luís posto que isso não lhe aproveitasse muito: primeiro porque sua numerosa clientela, em geral, precisava tanto do socorro da justiça como da assistência social..., e depois porque o dinheiro encontrara um meio sutil e eficaz de lhe fugir do bolso que nem ele mesmo saberia como explicar.

Depois de escutar do doutor Costa, velho amigo desde a infância, os motivos de ter vindo procurá-lo e o relato do crime de Pouso Alegre, o advogado ficara duramente silencioso. Sua aguda consciência das injustiças sociais traumatizara-se ao escutar aquela espantosa selvageria. Mas despertou-se para a realidade. Não era hora de cultivar revoltas íntimas mas de tentar arrancar ao Código Criminal, alíneas, parágrafos, disposições que impedissem aquela fera de Pouso Alegre de continuar à solta para ajudar a roubar, aterrorizar ou para assassinar pobre gente indefesa. E uma vez mais ele se defrontava com as terríveis barreiras a vencer para lograr obter justiça para os humildes.

— Alguma testemunha? perguntou sem fé.

— Não, não — respondeu angustiado o doutor Costa. — Quer dizer eu vi, na noite do crime, uma cavalgada no rumo do rancho do Garimpeiro...

—... é muito pouco...



- O pai, que encontrou os cadáveres?
- Não serve. Ninguém que tenha escutado revelações do sargento?
- Há um vendeiro que lhe escutou dizer, naquela noite, que ia ficar rico. Falou no revólver de prata... Mas o vendeiro é um homem muito covarde e gente deles...
- É o diabo, é o diabo! brasfemava irritado o advogado – exame do corpo de delito é evidente que não houve mas que uma exumação de cadáveres. O Juiz nega lá mas aqui, no tribunal, talvez se consiga. Vamos ver...
- Calaram. Sentiam ambos que estavam como náufragos procurando nadar contra uma corrente grossa e inflexível. Houve um silêncio angustiado. E de repente, Mário Lima bateu na testa:
- Estou me lembrando que li um dia destes qualquer coisa sobre a instauração de um inquérito policial-militar em Pouso Alegre. Iriam mandar lá um oficial para apurar a morte de uns camponeses...
- Já está lá. É o capitão Sereno. Tu conheces...
- Sim, conheço. Mas a coisa falava em exploração política, agitadores...
- Agitadores?!
- É. Que o camponês morto era um agitador. Agora me lembro que o jornal estampava até um avulso encontrado em casa dele. Coisa de Liga Camponesa.
- Isso é sórdido! Vicente Garimpeiro um agitador?
- A coisa é até favorável para nós...
- Mas como?
- Ora, eles levantaram a tese de que a Polícia matou em legítima defesa. Cometeram um erro – e como quem começa a elaborar uma armadilha eficaz para a fera perigosa, Mário repetiu:
- Parece-me que eles estão cometendo um erro grave. Mas veremos, veremos...
- Então, há possibilidades? perguntou reanimado o doutor Costa.
- Talvez uma oportunidade de lhes causarmos embaraços. Mas é tudo muito difícil, compreendes? Não convém alimentar maiores esperanças... – moderou o otimismo o experimentado Mário Lima que bem conhecia o campo ingrato onde a luta iria ser travada. E o advogado, para aliviar a tensão que se apoderara de ambos, gracejou:
- Mas tu agora és um líder político, heim, Costa? – Estava a lembrar o antigo colega, indiferente até as lutas estudantis, sempre fechado em si, encaulado, encabulado.
- Eu, líder político? Não – voltou Costa – apenas um homem amargurado e inconformado com a miséria.
- E queres então redimir da miséria aquela gente? Espero que tenhas poucas ilusões a respeito porque, na verdade, pouco, muito pouco poderias

fazer numa Prefeitura daquelas. A salvação tem que ser geral, nacional ou será apenas ilusão. Não é apenas Pouso Alegre que está doente, com uma economia anêmica e caduca e uma condição social criminosa. É o País, Costa!

– Nem eu alimentava essas ilusões, Mário. Não chego a ser tão inocente: queria apenas jogar um pouco de água naquele inferno. Abrir um postigo para que entrasse um fio de ar, uma réstia de sol naquela pressão asfixiante.

– Seria pouco... O que não te impede de seres um herói, à tua maneira.

– Eu herói? Deixa-te de tolices. Heróis são aqueles lavradores.

– E mártires. Sobretudo mártires!

Calaram-se, com a mesma consciência de sua terrível impotência ante aquele lamentável espetáculo de vícios, erros, crimes sociais. Costa, para sair do pesadelo, resolveu gracejar:

– Mário, a tua famosa gargalhada secou?

– Ainda não – respondeu o advogado – mas está murchando e acho que vai secar mesmo. Agora o que eu tenho quase sempre é vontade de brigar, de insultar esses canalhas. E, às vezes, como agora, até de chorar...

E levantando-se abruptamente foi, em visível estado de perturbação, até à janela, olhou a tarde muito clara, de nuvens imaculadas no céu de um azul puro como um véu de imagem sagrada, e concluiu, voltando-se agitado para o amigo.

– De raiva!

— “Senhor Presidente, senhores deputados. Não poderia deixar de ocupar esta tribuna para dar merecida resposta à reprovável, a todos os títulos, exploração que a Oposição, esmagada em sucessivos pleitos pelo nosso glorioso Partido, vem procurando fazer em torno de alguns pruridos subversivos que agentes perigosos procuram espalhar nos meios do campo, pruridos que o Governo, em defesa da paz social, não pode tolerar e esmagará impiedosamente” — Quem assim falava, naquela tarde em que o doutor Costa decidira ir à Assembléia para um encontro acertado com o deputado Santa Cruz, líder da Oposição, a quem levaria um relato minucioso do crime de Pouso Alegre, era, nem mais nem menos, o Deputado Pereira Rocha. Quando este concluiu sua peroração, Santa Cruz interrompeu-o:

— V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

— Tem o aparte o nobre deputado — Concedeu com um ar de má vontade Pereira Rocha.

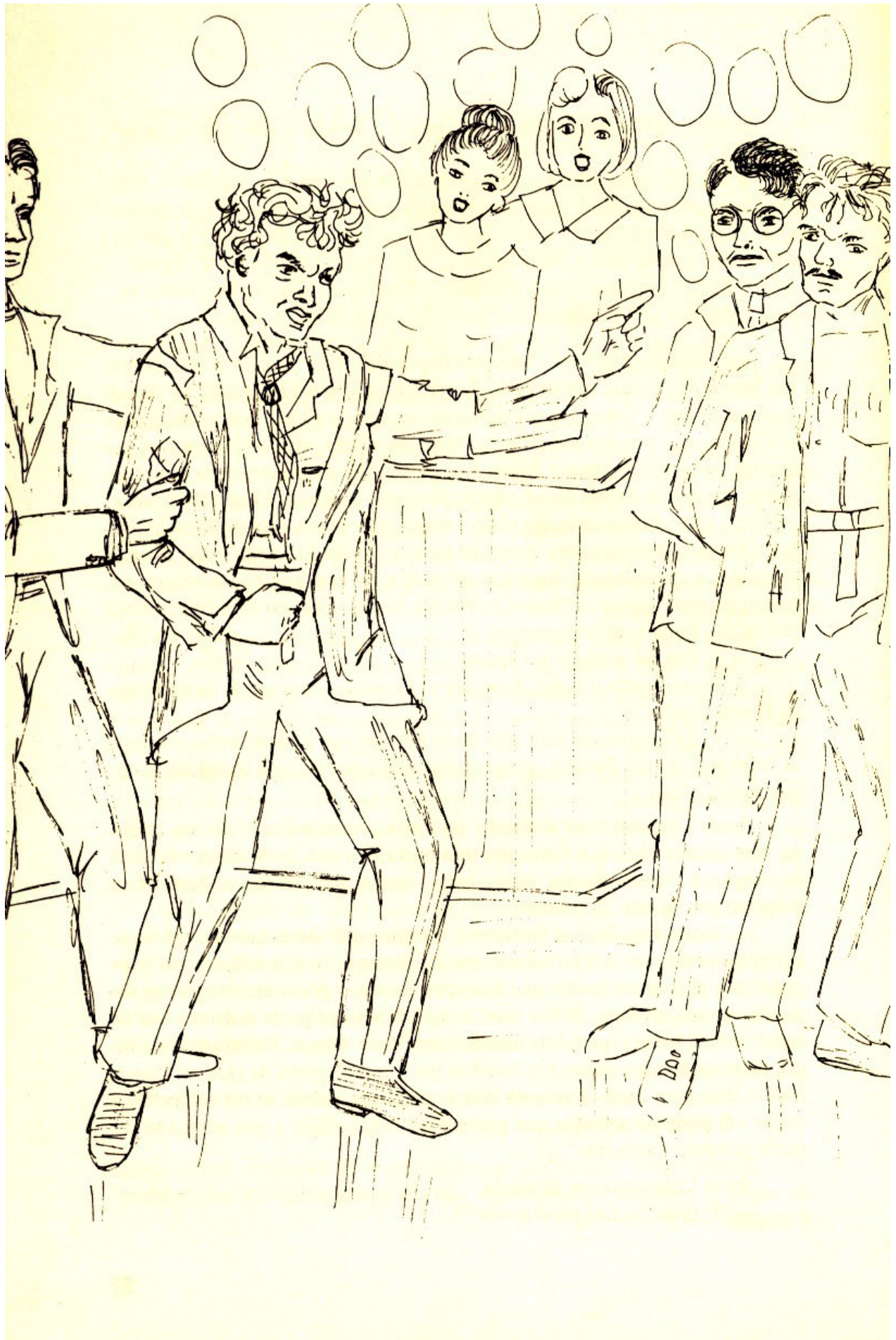
— V. Ex<sup>a</sup> começou mal: não devia invocar essa palavra pleito, ao alegar as “vitórias” de seu Partido, porque essa invocação tira toda seriedade a tudo que venha a dizer...

Santa Cruz sentou-se abafando um sorriso, acompanhado por sua banca. Nas galerias chegou a haver um murmúrio de risos. O Presidente fez soar os tímpanos. Pereira Rocha, ferido com a ironia do opositor, preferiu fingir desprezo pelo aparte. Continuou:

— “Criminosa, Senhor Presidente, é como pode classificar-se a ação oposicionista neste caso dos lavradores que incultos e brutos, insuflados por irresponsáveis, já formam turbas que ameaçam saques e põem em risco o sagrado direito da propriedade. Posso falar senhores deputados, de cadeira neste assunto, com a triste experiência ocorrida em Pouso Alegre. Tenho sido caluniado, procura-se fazer passar por bandido um bravo sargento da gloriosa Polícia Militar que, com risco da própria vida, em legítima defesa, se viu compelido a matar um perigoso agitador que procurava intranquilizar a paz admirável daquele próspero município”...

Santa Cruz ergueu-se de novo:

— “Permite V. Ex<sup>a</sup> novo aparte”?



O líder do Governo demorou um pouco a decidir-se mas acabou concedendo.

– A julgar pelas informações responsáveis que temos, o papel da V. Ex.<sup>a</sup> neste momento, confirma meu receio anteriormente expresso: o líder do Governo está querendo vestir com a pele da repressão anti-subversiva o que na verdade não passou de um crime bárbaro. Seria ridículo se não fosse trágico.

– V. Ex.<sup>a</sup> está querendo me acusar de criminoso! Mas não tem moral para me atingir! – gritou enfurecido Pereira Rocha já rubro de cólera.

– Ora, deputado, V. Ex.<sup>a</sup> nem sequer sabe o que é moral... retorquiu ferino o líder da Oposição.

– Não sei o quê, canalha?, bradou possesso o Rocha partindo sobre seu adversário como um touro que quer estraçalhar o desafiador. Assim, bravejando, avançou para Santa Cruz que se defendeu com a mesa de sua bancada. Procurando atingí-lo o governista debruçou-se para a frente, a gravata balançou no ar. Santa Cruz conseguiu por-lhe a mão e forcejou. Desequilibrado o outro, patinou no chão encerado, caiu. Foi então que os colegas puderam separar os dois contendores no meio de um tumulto generalizado a que as galerias se incorporavam como uma gritaria atroz. O Presidente fez o que podia: suspendeu a sessão.

Santa Cruz, pálido mas digno, sentou-se rodeado de colegas que lhe ofereciam água e café. A bancada governista era toda ela impiedosa com a minoria oposicionista mas o deputado Santa Cruz desde a legislatura anterior ganhara o privilégio de atrair sobre si a dose mais aguda do ódio de seus adversários parlamentares.

O que era natural: a quase totalidade dos membros da maioria era de latifundiários e grandes comerciantes (alguns também ou antes grandes negociastas) a quem a palavra e até a simples presença de Santa Cruz, menino pobre que começara a vida como simples mensageiro, ex-garçon de bar e modesto empregado do comércio que representava naquela casa de gente abastada os trabalhadores da capital, irritava profundamente como um insulto social.

Esvaziada a galeria, abrandado o tumulto o Doutor Costa pode finalmente aproximar-se do líder oposicionista e entregar-lhe um relato circunstanciado do crime de Pouso Alegre. O deputado pôs-se imediatamente a lê-lo, fumando muito, nervosamente à medida que penetrava naquela galeria terrificante de brutalidade e morte. Quando terminou a leitura, olhou o médico como quem mede sua coragem:

– Costa, eu posso usar o seu nome, dizer que isto é o seu depoimento?

– É o que eu ia propor, foi a resposta.

Sairam juntos. Santa Cruz, que o incidente de há pouco deixara irritado estava já pensando na tempestade que iria desencadear com aquele libelo. E desabafou com o doutor:

— Posso até levar um tiro por causa da leitura disto — disse apontando o relato do crime — mas se nos acovardarmos todos nunca mais esta terra se livra desse bando de fraudadores, incapazes e arbitrários. E à custa de querer salvar a pele apenas nos arriscaremos, silenciando, a tarefa de sermos todos esmagados. O pior é que não tenho vocação para ser herói nem mártir mas sou obrigado a ter coragem!

Pela amostra que presenciara minutos atrás, o doutor ~~Rocha~~ sabia que o deputado tinha toda a razão no que afirmava. O mesmo sentimento o impelia a defender aquela gente pobre de Pouso Alegre, a exigir a condenação do sargento: se ninguém reagisse não haveria opção — acabariam todos se transformando em Pimenta ou em Vicente Garimpeiro.

“Aos 29 dias de abril do ano de 19.., nesta cidade de Pouso Alegre, município idem, reuniu-se sob minha Presidência, para a que fui designado em ato do D.D. Sr. Secretário de Segurança do dia 25.04 publicado no Diário Oficial do Estado, de 26.04, e como Secretário o Sr. José João Coqueiro, escrivão municipal, a comissão de Inquérito Policial-Militar designado para apurar as ocorrências da noite do dia 2 de março do corrente, em face de insinuações de certos setores sobre que teria havido ação violenta por parte de elementos do destacamento da Polícia Militar neste município supracitado. No desempenho desta espinhosa missão, eu, Capitão Vitorino Sereno fiz vir à minha presença as necessárias testemunhas e providenciei a juntada de elementos de prova para cumprimento da missão incumbida, cujas urnas e outras passarei a descrever: a) foi ouvido em primeiro lugar a testemunha Calixto Rosendo, brasileiro, casado, proprietário de uma casa de bebidas na saída que dá para o caminho da casa do falecido lavrador Vicente Lopes, mais conhecido por Garimpeiro, o qual Rosendo ao ser perguntado se vira nas proximidades de seu botequim ou atendera alguém suspeito na noite citada declarou que não, apenas o Sr. sargento-delegado conversara com ele, sem fazer uso de qualquer bebida e saindo depois para sua residência; a segunda testemunha, Pedro Mercês, brasileiro, lavrador, interrogado sobre se tinha escutado Vicente falar de uma Liga Camponesa respondeu que sim e que aquele até lhe mostrara um papel falando disso mas que ele só se lembrava a cor verde por não saber ler; e ao lhe ser mostrado por mim o avulso subversivo encontrado na casa do citado Garimpeiro o reconheceu como tal; igual confirmação foi feita pelo depoente Manoel dos Anjos, brasileiro, lavrador, o qual perguntado sobre se sabia que o lavrador Garimpeiro tinha arma confirmou que ouvira sempre falar que sim, sendo um revólver e que passando certa vez junto ao roçado daquele escutara um tiro; ouvidos por mim os lavradores João de tal, Eliseu Farias e Raimundo Antonio todos confirmaram que o dito Vicente lhe falara dessa tal Liga; o seguinte depoente soldado da Polícia Militar lotado no destacamento de Pouso Alegre, município idem, José Ferreira o qual declarou que ao anoitecer do dia supracitado o sargento-delegado o convocou seu companheiro soldado Juvêncio para uma diligência de investigar o lavrador Vicente Garimpeiro que possuía arma sem registro e andava convocando lavrador para uma tal de Liga pa-



ra invadir as terras e outras desordens; que nessa dita noite ao chegar no rancho do lavrador e dar ordem de prisão o mesmo sacara de um facão reagindo sendo que o sargento comandara retirar e se esconderam perto quando o Vicente atirou de dentro da casa e eles depois de esperarem o sargento mandou avançar e que de novo o lavrador atirou tendo sido respondidos os tiros, havendo tiroteio ao fim do que verificaram que o lavrador, a mulher e um filho perderam a vida bem como o soldado Rufino que fora ferido de bala, que o lavrador Vicente fora encontrado sem vida por trás da casa e a mulher e filho dentro desta, que era de palha sem oferecer defesa aos tiros, pelo que podia ser admitido que a mulher e o filho tinham sido atingidos pelos tiros do próprio Garimpeiro por terem sido encontrados na linha de tiro daquele; que o declarado pelo soldado José Ferreira foi confirmado pelo soldado Rufino e o sargento Francisco Pimenta, cujo fez entrega a mim Capitão-presidente deste inquérito de avulso subversivo que faço juntada e um revólver calibre 32, marca Taurus e respectivas cápsulas disparadas, tudo recolhido na casa do lavrador Vicente Lopes; b) que os depoimentos acima citados e provas materiais juntadas foram por mim considerados suficientes para firmar as conclusões do presente Inquérito Policial-Militar cujas são de cabal culpado lavrador Vicente, mais conhecido por Garimpeiro, pelo ocorrido e que o Sargento-Delegado Francisco Pimenta e soldados acompanhantes agiram em legítima defesa e em nome da Lei, arriscando suas vidas em perigosa missão contra indivíduo agitador e desordeiro, pelo que proponho seja louvado em Boletim da Polícia Militar sua ação. E por serem verdadeiras todas as supra arguições, provas e conclusões vai este Relatório assinado por mim, Capitão Vitorino Sereno, encarregado deste IPM e pelo escrivão José João Coqueiro. Dado e passado nesta cidade de Pouso Alegre, município idem, aos vinte e nove (29) dias de abril de 19.. Capitão Vitorino Sereno. José João Coqueiro”. Isto era o que o doutor Costa lia, estarecido no Jornal “A LIBERDADE”, sob um grosso título em negrito que afirmava: INQUÉRITO DESMASCARA ACUSAÇÕES CALUNIOSAS CONTRA O DEPUTADO ROCHA, e em que se condenava a exploração política da Oposição e o escândalo armado pelo jornal “Folha do Povo” procurando “apresentar como um crime as ocorrências trágicas de Pouso Alegre e envolver no mesmo o nome respeitado do líder do Governo na Assembléia Legislativa do Estado, cidadão cuja atividade meritória é toda ela dedicada a promover o progresso e o bem estar social da região que tão digna e elevadamente representava desde a legislatura anterior”.

Costa teve vontade de rasgar o jornal ali mesmo no bonde. “Que corja!” generalizou, atingindo num só destempero o sargento, o capitão, o coronel Dico, o deputado Rocha, o Governo, que matavam humildes lavradores, fazendo-se passar por vítimas e heróis e quando alguém esboçava um gesto em favor daqueles logo tratavam de silenciar o intrometido: comprando-o, amea-

çando-o, liquidando-o financeiramente ou, simplesmente como no seu caso — transferindo-o numa “promoção por merecimento” que era a pior das punições.

Sim porque ao procurar o Secretário de Saúde a fim de tentar obter a remessa de medicamentos que tantas vezes reclamava em ofícios sem resposta, fora surpreendido com a comunicação de que acabava de ser promovido e seria removido daquela baiuca de Pouso Alegre para a cidade de Balsas, pelo que o doutor Secretário não lhe poupou farisaicos parabéns.

Mas o jornal tinha mais: em outro local um telegrama do Rio noticiava que o Governador Neves Bento em entrevista à imprensa carioca afirmara textualmente “no meu Estado não há nenhum problema agrário — temos muita terra para os que realmente queriam trabalhar não havendo a menor necessidade de se atingir o sagrado direito de propriedade daqueles que sempre foram e ainda são os grandes construtores de nossa riqueza”. Era demais. Costa ultrapassara sua alta capacidade de tolerância: amassou o papel e jogou na rua. Mas quando olhou as mãos viu que tinham ficado completamente sujas de tinta ordinária...

EDIÇÕES SIOGE



---

Composto e Impresso no Serviço de Imprensa e Obras Gráficas  
do Estado - SIOGE  
Rua Antônio Rayol, 505 - São Luís - MA  
Tel.: 222-5744  
Adm. Francisco Camêlo

